

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Inferindo Espontaneamente Traços de Personalidade para
Dois Actores de Um Mesmo Comportamento**

Miguel Franca Benrós

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Cognição Social Aplicada

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Inferindo Espontaneamente Traços de Personalidade para
Dois Actores de Um Mesmo Comportamento**

Miguel Franca Benrós

Dissertação orientada pela Doutora Sara Loureiro Cardoso (Sara Hagá)

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Cognição Social Aplicada

2018

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Dra. Sara Hagá, a melhor escolha que poderia ter feito para me orientar, que já faz três anos que me acompanha e não só me ajudou a descobrir o que verdadeiramente me apaixona na psicologia, como me deu a possibilidade de experimentar o que é de facto investigação. Este ano foi incansável dando me motivação e conhecimento para perseguir sonhos que ainda não sabia que tinha. Um grande obrigado pois sem si nada disto seria possível!

Ao professor Doutor Leonel Garcia-Marques porque através do seu exemplo, da partilha do seu conhecimento inesgotável e do seu humor se apresenta, para mim, como um farol ao caminho e trabalho que pretendo seguir.

Aos meus pais por me transmitirem a mensagem que nem sempre o caminho é fácil, mas que com devoção e trabalho qualquer impossível se pode tornar realidade.

Aos meus avós, com os quais pude sempre contar, que foram insubstituíveis neste percurso no qual me receberam em vossa casa dando a oportunidade de criar uma estrutura na minha vida que me permitiu ultrapassar todos os desafios que surgiram.

Aos meus irmãos, José Miguel Silva e João Carlos Morais, que embora não sejam de sangue cá estiveram para partilhar as aventuras e desventuras que ficarão sempre na minha memória.

Ao Marcelo Rodrigues, que nesta viagem da tese remámos lado a lado no mesmo barco e que nos momentos de desespero sempre me lembrou que eu era capaz.

Ao David, o meu irmão, as palavras não dão para descrever o quanto eu te estou grato. Por estarmos juntos desde o início de todo este nosso universo, por partilhares comigo esta jornada multidimensional, porque o teu entendimento e compreensão do meu ser é transcendental. Ancestral.

À Filipa, a minha companheira, a ti estou grato por tudo, andamos de mãos dadas porque juntos somos mais fortes, és a minha estrutura e fundação. És e foste o abrigo que transformou todas as minhas preocupações e medos em motivação de crescer, persistir e avançar.

Um agradecimento a todos vocês que não só tornaram este empreendimento possível, mas também real.

Resumo

A inferência espontânea de traço (IET) é um efeito que ocorre quando se infere um traço de personalidade derivado de uma ação feita por um actor, sem que se tenha consciência ou intenção de o fazer. Este efeito, bastante estudado na literatura, ocorre também na percepção de grupos, apesar de apenas ter sido investigado quando um grupo homogêneo de pessoas realiza um dado comportamento. O presente estudo tem como objectivo perceber se, quando dois actores com diferentes características desempenham um comportamento, as inferências que deste decorrem ficam associadas de igual forma a ambos os actores. Neste caso compararam-se actores adultos, cujos comportamentos serão considerados mais auto-determinados, com actores crianças. Para este efeito apresentaram-se, numa fase de estudo, conjuntos de duas faces, uma de criança outra de adulto, associadas a um comportamento implicativo de traço. Numa fase de teste pediu-se aos participantes que identificassem se um determinado traço, associado a uma face de criança ou de adulto, estava presente no comportamento implicativo de traço que anteriormente acompanhava essa face. Os traços testados ou não estavam no comportamento e eram os traços implicados por este – ensaios emparelhados –, ou não estavam no comportamento e não eram implicados por este – ensaios desemparelhados – ou estavam presentes nos comportamentos – ensaios *filler*. Para os actores adultos, os participantes reconheceram (erroneamente) o traço como presente no comportamento em mais ensaios emparelhados do que desemparelhados, replicando o efeito de IETs encontrado na literatura. Para além disso, tal como previsto, os participantes inferiram mais frequentemente o traço para adultos do que para crianças. Este estudo expande a nossa compreensão das IETs quando mais do que um actor realiza o mesmo comportamento, contribuindo para o entendimento de que a representação que criamos das pessoas em nosso redor depende não só do seu comportamento mas também das pessoas que a rodeiam.

Palavras-chave: percepção social, formação de impressões, inferências espontâneas de traço, crianças.

Abstract

A spontaneous trait inference (STI) is an effect that occurs when a personality trait is inferred from an actor's action, without awareness or intentionality. This effect, vastly studied in the literature, also occurs for group perception, even though it has only been investigated when a homogeneous group performs a behavior. The present study aims at understanding if an inference drawn from a behavior that was performed by two actors with different characteristics will be equally associated to both actors. In this case, adult actors, whose behaviors are considered more self-determined, are compared with children actors. With this goal, in a study phase, sets of two faces, an adult and a child, were presented together with a trait-implying behavior. In a test phase, participants were asked to identify if a specific trait that was associated with a face of a child or an adult was present in the trait-implying behavior that was previously shown with that face. The test trait was either not present in the behavior, but was the implied trait – match trial –, not present in the behavior and wasn't the implied trait – mismatch trial –, or the trait was present in the behavior – filler trial. For the adult actors, participants falsely recognized the trait as previously present in the behavior in more match than mismatch trial, replicating the STI effect found in past research. Furthermore, as predicted, the participants inferred more frequently the trait for adults than for children. This study expands our comprehension of STIs when more than one actor performs the same behavior, and contributes to the understanding that the representations we create about others depend not solely on their behavior, but also on who is by their side.

Keywords: social perception, impression formation, spontaneous trait inferences, children.

Índice

Inferindo Espontaneamente Traços de Personalidade para Dois Actores de Um Mesmo Comportamento	9
Inferências Espontâneas de Traço	10
Das inferências na leitura às inferências espontâneas de traço	10
Debates fundamentais no estudo das IETs	11
Paradigma dos Falsos Reconhecimentos	15
Associação do Traço Inferido ao Actor	16
Inferências Espontâneas de Traço Sobre Grupos	20
Objectivos e Hipóteses	23
Cuidados no Controlo Experimental	25
Pré-teste 1	27
Método	27
Participantes	27
Material	27
Procedimento.....	28
Resultados	29
Pré-teste 2	31
Método	31
Participantes	31
Material e Procedimento	31
Resultados	32
Estudo: Inferindo sobre crianças e adultos	33
Método	33
Participantes	33
Material	33
Fotografias	33
Frases	34

Procedimento.....	35
Resultados	37
Falsos Reconhecimentos	38
Bloco 1 e bloco 2 agregados	38
Bloco 1	39
Tempos de resposta	41
Discussão	44
Follow-Ups	50
Follow-Up 1	50
Objectivo	50
Participantes	50
Procedimento.....	50
Material	52
Resultados esperados.....	52
Follow-Up 2	52
Objectivo	52
Participantes	52
Procedimento.....	52
Material	53
Resultados esperados.....	53
Follow-Up 3	54
Objectivo	54
Participantes	54
Procedimento.....	54
Material	56
Resultados esperados.....	56

Conclusão	57
Referências	58
Anexo A	64
Anexo B	71

Inferindo Espontaneamente Traços de Personalidade para Dois Actores de Um Mesmo Comportamento

Assimilamos diariamente um sem fim de informação. É essencial que tenhamos a capacidade de analisá-la para podermos prever possíveis resultados e nos adaptar a eles. Uma grande parte dessa informação vem da interação com os outros e para entendermos esse mundo social de uma maneira coerente e organizada inferimos constantemente traços de personalidade a partir das suas ações (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004). Isto é uma tarefa fácil quando consideramos apenas uma pessoa de cada vez. Mas o que acontece quando interagimos com pessoas diferentes que fazem coisas juntas? Será que inferimos traços de igual modo para ambos os actores?

Na temática das inferências espontâneas de traço existe bastante investigação feita para compreender como ocorrem estas inferências quando existe apenas um actor (e.g., Todorov & Uleman, 2002; Uleman, Newman, & Moskowitz, 1996; Winter & Uleman, 1984). No entanto, não existe muita investigação que vise perceber se inferimos de igual modo para dois actores diferentes para uma mesma acção feita em conjunto. A presente investigação incide sobre esta questão através do estudo das inferências espontâneas de traço que são feitas sobre um adulto e uma criança que realizam o mesmo comportamento.

Primeiramente será apresentada uma contextualização da investigação existente nesta área. Serão abordados os contributos da literatura da compreensão de texto para a compreensão do processo inferencial espontâneo, passando pelas inferências de traço deliberadas. De seguida serão abordadas mais especificamente as inferências espontâneas de traço sobre indivíduos e alguns debates fulcrais na literatura, nomeando alguns paradigmas utilizados para investigar esta temática. Depois incide-se o foco sobre o paradigma dos falsos reconhecimentos que irá ser utilizado no presente estudo. Segue-se a expansão da temática das inferências espontâneas de traço sobre os indivíduos para a percepção de grupos, apresentando-se, posteriormente, os objectivos e hipóteses. Finalmente serão apresentados alguns cuidados a nível de controlo experimental, necessários por este estudo implicar a comparação de duas categorias sociais (i.e., adultos vs. crianças).

Inferências Espontâneas de Traço

Uma Inferência Espontânea de Traço (IET) ocorre, por definição, quando a observação de um comportamento leva a uma inferência de traço acerca do seu actor, sem que haja intenção para inferir traços nem consciência do processo inferencial, por parte do perceptante (Uleman, Newman, & Moskowitz, 1996).

Das inferências na leitura às inferências espontâneas de traço.

Já há algumas décadas que os processos de inferências de traços fascinam e interessam os psicólogos pois é uma maneira de compreender a influência destas inferências na forma como representamos os que nos rodeiam, tendo consequências na percepção e avaliação que fazemos deles (e.g., Winter & Uleman, 1984). Alguns investigadores como Asch (1946) já assumiam que o processo de formação de impressões ocorria espontaneamente e como parte integral do nosso funcionamento quotidiano. A temática das inferências espontâneas foi abordada inicialmente de uma perspectiva mais cognitiva, ligada à compreensão de texto, sobretudo à ideia de que, para compreender uma narrativa, um leitor faria, espontaneamente, inferências sobre as personagens ou situações (Mckoon & Ratcliff, 1986). Vários autores tentaram então explorar estas inferências na leitura utilizando o paradigma da recordação com pistas (e.g., Anderson & Ortony, 1975). Este paradigma é composto por uma fase de estudo e uma fase de teste. Na fase de estudo são apresentadas frases que têm subjacentes pistas, embora estas pistas não sejam palavras presentes nas frases. A fase de teste corresponde a uma tarefa de recordação na qual se pretende que os participantes se recordem das frases ou com o auxílio das pistas ou sem pistas. Este paradigma é baseado no segundo princípio da codificação específica (Tulving & Thompson, 1973), que preconiza que qualquer elemento que esteja presente na fase de codificação facilitará a recordação posterior se for apresentado como pista de recuperação. Assim, os resultados encontrados com a utilização deste paradigma revelaram uma melhor recordação quando se apresentaram pistas do que quando a recordação era livre. Estes resultados demonstram que as pistas foram codificadas com as frases, apontando para que as representações mentais do conteúdo de frases contêm diversos elementos. Tal facto é devido às pistas não serem parte integrante das frases apresentadas estes elementos não podendo ser derivadas apenas do significado das palavras apresentadas. A representação mental das frases é então elaborada a partir dos diversos significados, refletindo a

ocorrência de inferências durante a leitura (ver Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004; Ramos, Orghian, & Garcia-Marques, 2012).

O domínio das inferências feitas a partir da leitura foca-se no entendimento dos processos cognitivos que contribuem para a compreensão de frases e de narrativas. Estes processos envolvem a combinação de significados de várias palavras e várias frases para extrair um significado emergente destas. A investigação existente aponta que, para compreender uma narrativa, é necessário um tipo de processamento de integração da informação, antecipação e estabelecimento de uma linha causal sobre as personagens da mesma, processamento este que é facilitado pelas inferências feitas (ver Kintsch, 1998; citado por Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004). Estas inferências ocorrem de um modo espontâneo e são derivadas da *expertise* desenvolvida pelo ser humano na compreensão da linguagem (escrita ou oral) e pela necessidade de antecipação de acontecimentos futuros. Assim como na leitura de frases, a observação dos comportamentos de outros é algo que ocorre no quotidiano, sendo também necessário antecipar os comportamentos de cada um. Com o intuito de responder a esta necessidade de antecipação tentou-se perceber se da percepção social também decorrem inferências. Aplicando o paradigma de recordação com pistas importado dos estudos de processos inferenciais da compreensão de texto, iniciou-se o estudo das inferências espontâneas de traço a partir de descrições de comportamentos (Uleman, Newman, & Moskowitz, 1996).

Debates fundamentais no estudo das IETs.

Winter e Uleman (1984) iniciaram o estudo das inferências espontâneas de traço utilizando o paradigma de recordação com pistas, previamente aplicado ao estudo de processos de inferência na literatura e compreensão de texto (Anderson & Ortony, 1975). Baseando-se também no princípio da codificação específica (Tulving & Thompson, 1973), os autores hipotetizaram que um traço que fosse inferido espontaneamente a partir de um comportamento serviria como pista de recordação caso apresentado posteriormente. Assim, a informação apresentada nas frases ficaria codificada juntamente com os traços. Nesta investigação os participantes fizeram uma tarefa com duas fases – fase de estudo e fase de recordação com pistas – intercaladas por uma tarefa distractora. Na fase de estudo, apresentaram-se comportamentos implicativos de traço aos participantes, sendo-lhes pedida a sua memorização. Na fase posterior, os participantes teriam que recordar os comportamentos a partir de uma pista

fornecida. Numa manipulação interparticipantes foram estabelecidas três condições de recordação com pistas de diferente natureza: a) traços implicados pelos comportamentos, b) associados semânticos do actor ou do verbo e c) uma condição de controlo na qual não se forneceram pistas. Os resultados obtidos pelos autores convergiram com as hipóteses na medida em que as pistas-traço conduziram a uma melhor recordação dos comportamentos do que a condição sem pistas e, quando comparada com a condição em que a pista era um associado semântico, obteve-se uma recordação igualmente boa ou melhor.

Embora estes resultados apontassem para a ocorrência de inferências de traços, a existência de instruções para uma tarefa de memória não garantia que as inferências surgissem sem intenção. Por serem sujeitos a um teste de memória os participantes poderiam ter inferido deliberadamente os traços como estratégia de memorização das frases. Winter, Uleman e Cunniff (1985) aprofundaram esta questão em estudos que procuravam saber se os processos que subjaziam a estas inferências eram espontâneos e ocorriam de maneira inconsciente. Com este objectivo, manipularam os recursos cognitivos dos participantes e mediram a sua influência na capacidade de fazer inferências. Apresentaram então aos participantes sequências de números maiores ou menores para controlarem a dificuldade da tarefa. Após cada sequência pedia-se que lessem frases distractoras para evitar a repetição mental das sequências, depois eram testados. As frases distractoras eram comportamentos implicativos de traço que no fim de todas as sequências eram testados numa tarefa de recordação com pistas. Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que as inferências ocorreram de um modo inconsciente pois não se verificaram diferenças entre as duas condições da manipulação da carga cognitiva. Um factor relevante é que as inferências ocorreram no decorrer da tarefa distractora, contrariamente ao caso de Winter e Uleman (1984). O facto de as inferências ocorrerem mesmo quando a tarefa de memória não incidia na leitura de frases e independentemente da quantidade de recursos cognitivos à disposição aponta para que estas ocorram de um modo inconsciente e espontâneo.

O paradigma do reconhecimento da palavra-teste, importado também da literatura da compreensão de texto (McKoon & Ratcliff, 1986), teve também um grande contributo para a ideia que estas inferências de traço são de facto inconscientes e espontâneas. Este paradigma (Uleman, Hon, Roman, & Moskowitz, 1996) consiste em apresentar aos participantes passagens de texto que podem descrever um comportamento implicativo de traço (ensaios críticos) ou de conteúdo neutro (ensaios

controlo). Após cada passagem de texto é apresentado aos participantes um traço, e estes têm de responder se o traço estava presente na frase. Cada traço é apresentado uma vez para um ensaio crítico, sendo o traço implicado pela frase, e uma vez para um ensaio controlo, que tendo o conteúdo neutro não tem nenhum traço implicado. Previse-se que caso ocorressem inferências de traço existiria uma maior dificuldade em indicar se o traço estava ou não presente na frase. Os resultados obtidos com este paradigma confirmaram as hipóteses, na medida em que os participantes fizeram mais erros para os ensaios críticos do que para os ensaios controlo. Estes resultados contribuem para o argumento que as IETs ocorrem sem consciência, pois estas ocorreram mesmo quando a inferência prejudica o desempenho (Uleman, Hon, Roman, & Moskowitz, 1996).

No estudo das IETs continuaram outros debates fulcrais para a sua compreensão, nomeadamente se estas inferências estavam ligadas ao actor ou se reflectiam apenas a categorização de um comportamento. Neste sentido é importante perceber a extensão das IETs para compreender a sua influência na representação mental que criamos das pessoas. A categorização do comportamento e a caracterização do actor são também processos relevantes de compreender na medida em que são os processos que se aproximam das inferências deliberadas de traço. Deste modo segundo o modelo de Gilbert (Gilbert, Krull, & Pelham, 1988) o processo subjacente às inferências correspondentes compreende três fases – a categorização, a caracterização e a correcção. Este modelo pressupõe que as primeiras duas fases ocorrem de maneira bastante automática dependendo de processos com alta eficiência (característico das IETs), contrariamente à última fase que exige recursos cognitivos elevados e intencionalidade (característico das inferências deliberadas). A categorização corresponde à interpretação do comportamento (e.g., o João ajudou a idosa a atravessar a estrada – o João teve um comportamento altruísta). A segunda fase corresponde à caracterização do actor com o traço que corresponde à forma como o comportamento foi categorizado (e.g. o João é altruísta). Segue-se a correcção ou anulação da inferência conforme existam ou não factores situacionais que possam levar à ocorrência do comportamento (e.g. o João foi obrigado pela mãe – o João não é altruísta). Posto isto e focando apenas as duas primeiras fases para o caso das inferências espontâneas de traço visto estas terem um carácter automático, serão estas inferências apenas um produto da categorização do comportamento ou também da caracterização do actor?

Na tentativa de responder a esta questão exploraram-se as IETs com o paradigma de re-aprendizagem (Carlston & Skowronski, 1994; Carlston, Skowronski, &

Sparks, 1995). Este paradigma baseia-se no efeito de re-aprendizagem (Ebbinghaus, 1885/1964), que prevê que uma vez que a informação seja memorizada, esta demora menos tempo a ser reaprendida, ou seja a ser memorizada outra vez. Na utilização deste paradigma apresentam-se três tarefas aos participantes. Primeiramente uma tarefa de exposição na qual se pede que estes se familiarizem com os pares de comportamentos e fotografias apresentados. Posteriormente uma tarefa de aprendizagem onde o objectivo é que aprendam pares de fotografias e traços de personalidade. Estes pares podem ser “pares de re-aprendizagem” sendo compostos por fotografias e traços implicados pela frase apresentados na fase de exposição ou “pares novos” compostos por fotografias e traços que ainda não tinham sido apresentados. Finalmente, numa tarefa de recordação com pistas, as fotografias apresentadas na tarefa de re-aprendizagem são novamente expostas, pedindo-se aos participantes que digam qual o traço associado a estas. Os resultados encontrados com este paradigma convergem com a ideia de que ocorrem inferências de traço a partir dos comportamentos, e que esses traços estão ligados aos actores. Sendo que na tarefa de aprendizagem existe uma facilitação da mesma quando são apresentados os “pares de re-aprendizagem”, pois esta corresponde a uma representação já presente na memória. Esta interpretação é feita da observação de uma melhor recordação dos traços nos ensaios de re-aprendizagem do que nos ensaios controlo (Carlston & Skowronski, 1994). Embora se possa fazer esta interpretação, neste paradigma apenas se testam “pares de re-aprendizagem” e “pares novos” que são compostos por faces e traços novos. Uma melhor prova de que os traços ficam associados aos actores passaria por comparar faces antigas associadas a traços antigos com faces antigas associadas a traços também antigos mas desemparelhados da face. Este desemparelhamento iria proporcionar uma comparação directa entre traços antigos que correspondiam às faces com traços igualmente activos para faces não correspondentes. Este ponto é precisamente o que se procurou explorar com o paradigma dos falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002).

O paradigma dos falsos reconhecimentos procura então explorar se existem diferenças na ocorrência de IETs para traços que estão igualmente activos mas comparado casos em que estão associados a um actor ou não. Os resultados encontrados com a utilização deste paradigma apontam para que as IETs são feitas sobre os actores e não sobre os comportamentos (Todorov & Uleman, 2002). Por se utilizar o paradigma dos falsos reconhecimentos no estudo desta dissertação será explorado mais detalhadamente no capítulo que se segue.

Paradigma dos Falsos Reconhecimentos

Para aprofundar então o conhecimento sobre a forma como categorizamos os comportamentos e partimos deles para caracterizar os actores através da inferência de traços, no estudo das IETs tem-se utilizado, entre outros, o paradigma dos Falsos Reconhecimentos desenvolvido por Todorov e Uleman (2002, 2003). Este paradigma é composto por uma fase de estudo e uma fase de teste e baseia-se também no princípio da codificação específica supramencionado (Tulving & Thompson, 1973). De modo a garantir que o processo de inferência é espontâneo, é crucial para o estudo das IETs que as instruções da fase de estudo foquem a atenção dos participantes nas frases descritivas de comportamentos, sem nunca lhes pedir ou referenciar que formem algum tipo de impressão sobre os seus actores. Na fase de estudo pede-se aos participantes que memorizem conjuntos de estímulos, sendo que cada ensaio tem uma fotografia de uma face associada a um comportamento implicativo de traço, exposto numa frase. Estes ensaios dividem-se em dois tipos – os que contêm o traço na frase (i.e., ensaios *filler*) e os que não contêm o traço na frase (i.e., ensaios críticos posteriormente divididos entre ensaios emparelhados e desemparelhados). Na fase de teste, as fotografias que foram anteriormente apresentadas são novamente expostas, mas cada uma delas está associada a uma palavra, mais especificamente a um traço de personalidade, e não a uma frase. Pede-se que os participantes respondam se o traço apresentado estava ou não presente na frase apresentada com aquela face anteriormente. Existem então três tipos de ensaio na fase de teste – emparelhados, desemparelhados e *fillers*. Nos ensaios emparelhados, o traço apresentado na fase de teste não estava presente na frase da fase de estudo, no entanto é o traço implicado pelo comportamento apresentado na frase (e.g. “Ameaçou agredi-la caso não retirasse o que tinha dito” – traço apresentado “agressiva”). Para os ensaios desemparelhados o traço apresentado na fase de teste não só não estava presente na frase da fase de estudo como não é implicado pelo comportamento (e.g. “Ameaçou agredi-la caso não retirasse o que tinha dito” - traço apresentado “simpática”). Os ensaios *filler* são aqueles nos quais o traço apresentado na fase de teste estava também presente na frase com o comportamento apresentado na fase de estudo (e.g. “Ela é tão agressiva que ameaçou agredi-la caso não retirasse o que tinha dito” - traço apresentado “agressiva”). Neste paradigma é comparada a quantidade de vezes que os participantes reconhecem falsamente o traço como tendo estado presente na fase de estudo entre os ensaios emparelhados e os ensaios desemparelhados. Quando a quantidade de falsos reconhecimentos é maior nos ensaios emparelhados, quando comparada com os

desemparelhados, significa que uma inferência ocorreu na codificação da informação apresentada na fase de estudo. Este raciocínio decorre da premissa de que se um traço for inferido de um comportamento implicativo de traço presente na fase de estudo, este será codificado com a informação presente na frase associando-se também à face apresentada. Por consequência, se o traço inferido for posteriormente apresentado (na fase de teste) induzirá uma resposta incorrecta no participante sinalizando um falso reconhecimento. Assim Todorov e Uleman (2002) encontraram nos seus resultados um maior número de falsos reconhecimentos para os ensaios emparelhados do que para os ensaios desemparelhados, o que implicou que os participantes estavam a inferir espontaneamente traços sem terem intenção ou consciência que o estavam a fazer, tornando-se assim um marcador clássico da evidência de inferências espontâneas de traço.

Estes autores exploraram também os tempos de resposta das respostas correctas como variável dependente. Estes tempos de resposta poderiam servir como uma segunda medida dependente, no sentido em que se um traço ficar associado a um actor, os participantes teriam mais dificuldade a rejeitar correctamente a sua presença nos comportamentos. Esta maior dificuldade seria reflectida num maior tempo de resposta para as respostas correctas dos ensaios emparelhados do que para os ensaios desemparelhados. Assim, apesar de no seu primeiro estudo não se terem encontrado diferenças significativas, no segundo estudo os participantes rejeitaram correctamente traços implicados em comportamentos mais lentamente do que traços utilizados como controlo. Estes resultados foram então de encontro aos resultados encontrados na variável de ocorrência de falsos reconhecimentos. Estudos posteriores a este deixaram de considerar os tempos de resposta como variável dependente pois, apesar desta medida poder ser uma segunda medida dependente neste paradigma, as diferenças têm tendência a reflectir-se mais na quantidade de erros, isto é, falsos reconhecimentos (Ramos, Orghian, & Garcia-Marques, 2012).

Associação do Traço Inferido ao Actor

Tipicamente na investigação sobre IETs com o paradigma de falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002, 2003) os participantes veem um comportamento para cada face. No entanto a investigação reportada nesta tese pretende perceber se existem diferenças na forma como se inferem traços de dois actores diferentes que fazem um mesmo comportamento. Para tal tem de se perceber primeiro

se os traços inferidos ficam verdadeiramente associados ao actor, ou se são recordados por mera associação espacial. Surge então a questão: Será que apresentando faces irrelevantes juntamente com faces relevantes elas são percebidas de igual maneira, ou seja, iremos também caracterizar um alvo irrelevante? Será que distinguimos entre alguém que faz uma ação e alguém que simplesmente a comunica? Deste modo, o paradigma dos falsos reconhecimentos tem sido utilizado também para o estudo de inferências de traço que são desapropriadamente associadas a outro alvo. A este fenómeno chama-se transferências espontâneas de traço (TET) e ocorre quando os traços inferidos são associados a alguém (ou a algo) que não foi o actor do comportamento (Skowronski, Carlston, Mae, & Crawford, 1998). Embora não seja um efeito directamente relevante para o tema que se irá abordar, na medida em que o efeito das TETs procura estudar a inferências de traço que são desapropriadas do actor, e no presente estudo se procura investigar as inferências de traço que ocorrem para um comportamento com dois actores em simultâneo. No entanto, os estudos que se focam na comparação do efeito das IETs com o de TETs tem como objectivo diferenciar que processos estão subjacentes a cada um dos efeitos. A compreensão destes processos subjacentes é relevante para a compreensão das IETs quando existem dois actores pois apenas se os traços inferidos estiverem ligados aos actores se pode entender e comparar a frequência da ocorrência de IETs para os dois actores. Caso o processo subjacente às IETs seja um processo de associação de conceitos estabelecidos por co-ocorrência a maior frequência de IETs para um de dois actores presentes não aponta necessariamente para duas representações mentais diferentes. Estes poderiam então ser processos simples de associação entre conceitos, estabelecidos por co-ocorrência, no caso das TETs, e no caso das IETs processos atribucionais e que levam ao estabelecimento de uma conexão proposicional entre o traço e o actor, na memória (Todorov & Uleman, 2004). Com o objectivo de entender os processos subjacentes a cada efeito alguns autores (e.g. Brown & Bassili, 2002; Goren & Todorov, 2009; Uleman, Blader & Todorov, 2005; Uleman & Todorov, 2004) alteraram a utilização do paradigma dos falsos reconhecimentos utilizado por Todorov e Uleman (2002), aumentando o número de alvos presentes em simultâneo. Convém no entanto realçar que na grande maioria dos estudos, embora existissem vários alvos, contrariamente ao estudo desta tese, existia apenas um actor (ver Uleman, Saribay, & Gonzalez, 2008). Pois embora os estudos sobre a comparação entre IETs e TETs informem sobre os processos subjacentes a cada efeito através das

inferências de traço sobre um actor e outros alvos, não fornecem informação sobre as inferências que ocorrem quando mais do que um actor está presente.

Por exemplo, o caso de Todorov e Uleman (2004) que aplicaram uma variação no paradigma dos falsos reconhecimentos no estudo do fenómeno das TETs. Na fase de estudo, em vez de apresentarem uma só fotografia de uma face em cada ensaio, apresentaram duas fotografias de faces acompanhadas de uma frase com um comportamento implicativo de traço. Em cada ensaio estavam presentes uma face experimental relevante, a que o comportamento se referia enquanto actor, e uma face de controlo irrelevante (e.g. “A Judith escolheu os melhores chocolates antes dos convidados chegarem”). Os resultados demonstraram que os participantes reconheceram falsamente os traços mais vezes quando estes são emparelhados com faces de actores do que quando emparelhados com faces controlo, o que salientou o facto de ocorrerem IETs. Estes resultados sugerem então que subjacente às IETs estão processos atribucionais que ligam os traços como propriedade dos actores (Carlston & Skowronski, 1994) pois apontam para a existência de uma ligação entre faces relevantes (actores) e os traços implicados pelas frases.

Não obstante a esta interpretação dos resultados obtidos por Todorov & Uleman (2004), outros autores discordavam (e.g. Brown & Bassili, 2002), acreditando que à semelhança do efeito de TETs, as IETs tinham também subjacente um processo sensível à contiguidade espaço-temporal e insensível à importância dos elementos associados. Esta discórdia de perspectivas iniciou um debate que ainda hoje em aberto sobre o tipo de processos subjacentes a cada efeito. Assim, dada a ocorrência simultânea de ambos os efeitos em investigações como a de Skowronski, Carlston, Mae e Crawford (1998), Brown e Bassili (2002) questionaram a veracidade da existência deste tipo de processo associativo entre o traço e o actor. Montaram uma experiência na qual, além de apresentarem frases com comportamentos implicativos de traço associadas a fotografias de faces de pessoas, apresentaram também fotografias de objectos inanimados, argumentando que seria ilógico ocorrerem inferências de igual dimensão para estes objectos. Contudo, verificou-se a existência de ambos os efeitos simultaneamente, inclusive para objectos inanimados. No entanto, o efeito observado para as IETs era significativamente mais forte do que o efeito encontrado para as TETs. O facto da magnitude do efeito das IETs ter sido maior apoia o argumento de que, para este efeito, existe um processo associativo em duas partes – uma parte que liga a informação do contexto implicativo de traço a qualquer entidade, e outra parte que aplica

exclusivamente essa informação em atribuições do actor. Deste modo será que quando estão presentes dois actores em simultâneo o traço que é inferido fica associado a ambos os actores?

Goren e Todorov (2009) criaram seis estudos onde utilizaram o paradigma de falsos reconhecimentos com o intuito de explorar em que condições a ocorrência de IETs e TETs poderiam ser inibidas. Perceber estas condições é uma forma de compreender os mecanismos subjacentes a cada um dos efeitos. Com este propósito, nos primeiros dois estudos testaram a relevância do comportamento para ambos os efeitos. No Estudo 3 apresentaram os comportamentos após a apresentação das faces, ou seja apresentaram as faces durante três segundos e imediatamente a seguir apresentaram os comportamentos durante três segundos. As frases poderiam ser escritas a verde indicando que a face apresentada era relevante (actor), ou a vermelho indicando que a face apresentada era irrelevante. Nos Estudos 4, 5 e 6 apresentaram dois actores em simultâneo com duas acções diferentes, sendo apresentadas duas faces uma em cima da outra, e duas frases, uma em cima das fotografias e outra em baixo. A frase que estava disposta em cima era referente ao actor em baixo (irrelevante para a face em cima), e a frase abaixo de ambas as fotografias era referente ao actor em cima (irrelevante para a face em baixo). As frases poderiam por fim ser testadas com a face relevante, ou com a face irrelevante. Estes autores encontraram o efeito de IETs em todos os estudos. Pelo contrário, no Estudo 3 foi encontrada uma significância marginal no efeito principal de relevância, sendo que as proporções de falsos reconhecimentos tenderam a ser maiores para faces relevantes do que para faces irrelevantes. Estes resultados encontrados no Estudo 3 realçam que a ocorrência de TETs é inibida quando se separam perceptualmente as faces dos comunicadores dos comportamentos. Esta inibição das TETs ocorre também quando são apresentadas duas faces onde uma é o actor (relevante) e outra é uma face irrelevante (Estudos 4, 5 e 6). Globalmente, estes resultados sugerem que os processos subjacentes à ocorrência de TETs são simples processos associativos que são desativados quando são apresentados alvos relevantes ou quando as faces são perceptualmente separadas dos comportamentos. Esta interpretação dos resultados faz particular sentido quando contrastados com a ocorrência de IETs que parece resultar de um processo atribucional espontâneo que conecta a informação codificada das frases juntamente com as faces de actores (e.g., Uleman, Blader & Todorov, 2005), salientando a natureza implícita das inferências e a sua associação a faces relevantes. Assim nos resultados dos Estudos 4, 5 e 6 considerando que dois

actores são apresentados em simultâneo mas testados em separado, pode-se dizer que ambos os actores ficaram implicitamente associados aos traços correspondentes.

Inferências Espontâneas de Traço Sobre Grupos

Embora o debate sobre o tipo de processos que estão subjacentes às IETs continue a ser alvo de estudo, autores como Hamilton et al. (2015), adoptando a perspectiva de que as inferências estão associadas aos actores. Interessaram-se assim por outros domínios do efeito de IETs, dedicando-se a perceber a forma como estas ocorrem para um grupo de várias pessoas. Deste modo expandiram então o domínio das IETs sobre indivíduos para a percepção de grupos. Esta expansão teve como motivação perceber se o efeito das IETs poderia estar implicado na origem dos estereótipos.

Neste domínio das inferências de traços sobre grupos começou por se investigar o processamento da informação comportamental de membros de um grupo, e como é que essa informação era aplicada a novos membros desse grupo (Crawford, Sherman, & Hamilton, 2002). Os autores Crawford et al. (2002) montaram três estudos utilizando o paradigma de re-aprendizagem para investigar a forma como os traços que são inferidos para um membro de um grupo se transferem para outros indivíduos do mesmo grupo. Com este objectivo manipularam os grupos quanto à sua coesão e homogeneidade (entitatividade). Os resultados encontrados apontam para que quando um traço é inferido sobre um membro do grupo, é mais fortemente transferido para outros membros em grupos de alta entitatividade (mais coeso e mais homogéneo). Estes resultados sugerem que pelo menos para grupos de alta entitatividade existe um processo abstracto de inferência do estereótipo do grupo e uma consequente transferência deste para os membros do grupo. Esta investigação assemelha-se ao presente estudo considerando que Crawford et al. (2002) procuraram perceber a forma como inferimos um traço para membros de diferentes grupos, no entanto não forneceram informação sobre as inferências que ocorrem para os diferentes indivíduos que fazem o mesmo comportamento. Assim, uma das diferenças que se pode observar neste estudo (Crawford et al., 2002) para o presente estudo é que apresentavam uma face de cada vez na fase de estudo.

Hamilton et al. (2015) estudaram se as IETs se aplicavam não só a um comportamento associado a um indivíduo de um grupo e consequente transferência para outros membros, mas também quando o actor de um comportamento é um grupo de indivíduos. Estes autores contribuíram para o aumento do conhecimento sobre o

efeito das IETs dado que tomaram como ponto de partida os comportamentos de grupo na análise das inferências espontâneas sobre grupos. Esta investigação (Hamilton et al., 2015) é uma das bases teóricas mais relevantes para o presente estudo na medida em que compara a ocorrência de inferências para diferentes grupos. Contudo, à semelhança dos estudos de Crawford et al. (2002), não acrescenta informação sobre as inferências feitas para dois indivíduos de grupos diferentes que fazem um mesmo comportamento. Com este objectivo, utilizaram o paradigma dos falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002) num primeiro estudo para comparar um indivíduo enquanto actor com um grupo de indivíduos enquanto um actor. Para este efeito, na fase de estudo, ou apresentavam uma face associada a um comportamento (e.g. “Este indivíduo faz doações anuais a um hospício”) ou quatro faces associadas a um comportamento (e.g. “Este grupo faz doações anuais a um hospício”). Os resultados deste primeiro estudo não apontaram diferenças significativas entre a ocorrência de falsos reconhecimentos para indivíduos e grupos, encontrando apenas diferenças para ambas as condições entre ensaios emparelhados e desemparelhados. Estes resultados indicam que as pessoas inferem espontaneamente traços a partir de comportamentos de indivíduos ou de grupos de igual modo. Hamilton et al. (2015) designaram este processo de inferências espontâneas de traço sobre grupos (IETGs).

Nesta investigação foram ainda exploradas outras questões, como no caso do segundo estudo, onde manipularam a influência da carga cognitiva nas IETGs, concluindo-se também que não existiram diferenças significativas. Tais resultados convergem com os resultados encontrados por Winter, Uleman e Cunniff (1985) para indivíduos, o que salienta o facto deste processo de inferência ser eficiente, mesmo para grupos, não exigindo muitos recursos cognitivos. Hamilton et al. (2015) continuaram, nos estudos seguintes, a explorar as inferências espontâneas sobre grupos e procuraram compreender se as inferências seriam mais fortes para grupos mais coesos e homogêneos (grupos com alta entitatividade) do que para grupos menos coesos (grupos com baixa entitatividade; Estudo 3). Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de alta e baixa entitatividade, o que sugere que as IETGs se formam para qualquer tipo de grupo. Estes resultados foram surpreendentes face aos encontrados no estudo de Hamilton e Sherman (1996), que indicaram que os perceptores assumem uma maior unicidade e consistência para indivíduos do que para grupos, o que poderá levar a uma ocorrência de inferências deliberadas com menor frequência para grupos do que para indivíduos. Enquanto Crawford et al. (2002) encontraram um efeito de

generalização do indivíduo para o grupo, Hamilton et al. (2015) encontraram, no seu quinto estudo, que quando uma IETG ocorre o traço inferido é generalizado também para novos membros do mesmo grupo. Estes resultados podem apontar ainda para um novo processo de formação de estereótipos que ainda não foi explorado na literatura. Nesta investigação de Hamilton et al. (2015) foram então observadas IETGs, mas estas podem também ser o resultado de IETs paralelas sobre cada um dos quatro indivíduos de cada grupo. Independentemente se as IETGs resultaram da formação espontânea de um conceito de grupo ou de quatro IETs que quando combinadas resultam numa impressão do grupo, o resultado é a formação de uma impressão de grupo a partir de IETs. No entanto, a comparação entre indivíduos de cada grupo poderia fornecer alguma informação para perceber esta questão. A presente investigação tem o intuito de compreender se ocorrem diferenças nas IETs quando dois actores estão presentes. Caso não se verifiquem diferenças entre os dois actores poderá apontar para a ocorrência da formação espontânea do conceito do grupo? E caso existam diferenças entre dois actores que façam um mesmo comportamento, poderá apontar para que a ocorrência de IETGs como resultado combinado das IETs para cada actor?

Assim, embora a investigação de Hamilton et al. (2015) seja um grande contributo para a percepção de grupos, os seus resultados levantam muitas questões para explorar. Por exemplo, considerando que na investigação descrita Hamilton et al. (2015) utilizaram faces homogêneas entre si, uma questão seria: o que acontece quando, em vez de comparar grupos de indivíduos percebidos enquanto iguais, comparamos grupos com indivíduos de categorias diferentes (e.g., comparar padrões e empregados; pessoas de origem europeia e africana; homens e mulheres)? Neste estudo os grupos utilizados eram também anónimos, ou seja desprovidos de conhecimento ou crenças prévias sobre os grupos, embora tais grupos dificilmente sejam observados no mundo real. Será que a apresentação de grupos explicitamente diferentes (apresentando por exemplo grupos de etnia diferente) teria impacto na forma e na intensidade de como os traços são inferidos? Outro ponto a ter em consideração é o facto de que embora os estudos sobre inferências espontâneas de traço para grupos nos forneçam informação sobre a forma como inferimos traços sobre um conjunto de indivíduos do mesmo grupo, não expande o conhecimento quando se procura saber se inferimos o traço igualmente para cada membro desse grupo. O que deixa uma questão – Será que numa situação em que dois indivíduos de grupos sociais diferentes tomam uma acção enquanto unidade inferimos o traço com igual intensidade para ambos os actores ou será que difere entre

si? Se diferirem, que tipo de papel terão características como o género, etnia, idade, poder ou outras?

Objectivos e Hipóteses

O objectivo do estudo desta tese é perceber se para dois actores que estão a fazer exactamente o mesmo comportamento ocorrem IETs com igual frequência. Para perceber se existem diferenças na forma como ocorrem IETs entre os dois actores utilizaram-se actores de categorias sociais diferentes – adultos e crianças. Nesta comparação entre os dois actores, a possibilidade do traço ficar mais associado ao adulto apenas porque este é adulto é bastante interessante pois implica que estamos a ignorar as qualidades disposicionais de um dos actores em detrimento da sua idade. Se tal acontecer aponta para que se uma criança fizer um mesmo comportamento que um adulto e em interação com este podemos não inferir o traço sobre ela, tendo uma representação mental diferente para cada actor. A utilização de categorias sociais diferentes contribui também para o estudo das IETs na medida em que procura comparar indivíduos de grupos diferentes, uma inovação na literatura.

Escolheram-se estas duas categorias sociais por três razões – primeiramente por diferirem na forma como são socialmente percebidos, sendo que os adultos são visto como mais auto-determinados quando fazem um comportamento do que as crianças. Este ponto será aprofundado no parágrafo que se segue. Em segundo lugar por serem categorias facilmente manipuláveis na utilização de fotografias não sendo necessário mencionar explicitamente as diferentes categorias, assim como o género e etnia. E por fim o facto de perceber modo como as crianças são percebidas socialmente ser um dos interesses de investigação da equipa no qual este projecto está integrado.

Os adultos serem perspectivados como tendo maior poder e sendo mais auto-determinados nos seus comportamentos do que as crianças é importante, pois na temática da percepção social, sabe-se que para um mesmo comportamento atribuímos uma maior causalidade interna a alvos de maior poder quando comparados com alvos de menor poder. Tomando então como pressuposto que os adultos são mais auto-determinados no seu comportamento do que as crianças espera-se que quando ocorram inferências de traço este fique mais associado para adultos do que para crianças. Tal facto advém de investigações feitas por autores como Thibaut e Riecken (1955) que exploraram a forma como atribuímos causalidade às ações de pessoas com diferentes graus de poder. Neste caso Thibaut e Riecken (1955) apresentaram a cada participante

dois experimentadores – um foi apresentado como professor universitário e o outro como aluno. A tarefa pedida aos participantes era que comunicassem uma ideia pré-estabelecida através de mensagens pré-definidas que poderia levar a uma mudança na ação do “professor” e do “aluno” (e.g., pedia-se ao participante que tentasse convencer o “professor” e o “aluno” a doar sangue para a Cruz Vermelha). Aquando da mudança de acção de ambos (visto como aceitação – *compliance*), o participante teria de responder sobre o que teria motivado esta mudança na acção de ambos. Os resultados obtidos apontam para que no desempenho de um mesmo comportamento um dos actores, nomeadamente o de elevado poder, é considerado como tendo escolhido fazê-lo (*locus interno*) e o outro (baixo poder) como tendo sentido a obrigação de o fazer (*locus externo*). Estes resultados sugerem então que se uma criança (presumidamente um actor de baixo poder) for associada a um mesmo comportamento que um adulto (presumidamente um actor de elevado poder) será atribuído maior *locus* causal interno ao adulto. Assim, partiu-se do pressuposto que os participantes atribuirão maior causalidade interna aos actores adultos do que às crianças. O que reflectirá a ocorrência de mais IETs para as faces de adultos do que para as faces de crianças, ficando o traço mais fortemente associado aos adultos, uma vez que as crianças seriam perspectivadas enquanto actores com menor poder.

A investigação de Dix, Ruble, Grusec, & Nixon (1986) poderá também fornecer alguma evidência que suporte à ideia que o traço inferido ficaria mais fortemente associado aos adultos reflectindo-se numa maior ocorrência de IETs para estes. Pois segundo Dix et al. (1986) em inferências deliberadas inferimos traços menos intensamente sobre crianças em níveis de desenvolvimento mais precoces. Deste modo será expectável também que ocorram menos IETs para crianças do que para adultos. Estes autores exploraram situações nas quais os pais avaliavam em quanto um comportamento que era feito pelos seus filhos refletia as suas intenções/disposições ou pressões situacionais. Os resultados obtidos apontaram para que as avaliações dos comportamentos das crianças estavam bastante ligadas ao nível de desenvolvimento das mesmas, ou seja quanto mais desenvolvida fosse uma criança, maior atribuição de disposições de personalidade e de intenção. Deste modo, sendo que os adultos são considerados como estando num nível de desenvolvimento mais avançado que qualquer criança, assume-se que quando estes fazem um comportamento, existirá uma maior atribuição de causalidade interna e de qualidades disposicionais do que para as crianças.

Espera-se assim que no paradigma a utilizar se reflita um maior número de falsos reconhecimentos para adultos do que para crianças.

Deste modo, tomando em consideração que o objectivo do estudo desta tese é perceber se existem diferenças na ocorrência de IETs formadas entre dois actores que diferem no nível de poder, serão então apresentadas, na fase de estudo, duas fotografias de faces com dois actores diferentes (adultos *vs* crianças) associadas a um comportamento implicativo de traço.

Considerando então as ideias previamente estabelecidas, iremos testar no presente estudo se, quando há dois actores com diferentes graus de auto-determinação para um mesmo comportamento, a frequência com que os participantes inferem traços para os dois actores difere. Embora este seja um estudo exploratório, de acordo com as ideias supramencionadas a nossa hipótese é de que os participantes irão inferir mais frequentemente traços para os actores adultos do que para os actores crianças.

Cuidados no Controlo Experimental

Um dos problemas com a implementação do presente estudo é que as investigações prévias no estudo deste efeito foram sempre conduzidas com faces de adultos. Com o objectivo de comparar este efeito para actores adultos e actores crianças tem de se garantir que as frases utilizadas são igualmente aplicáveis a adultos e crianças. Caso as frases não sejam igualmente aplicáveis a ambos os grupos pode ocorrer uma inibição das IETs derivada da utilização das frases e não de diferenças nas inferências (e.g., foi beber uns copos com os amigos, chumbou no exame da faculdade). Este efeito de inibição já ocorreu anteriormente nos trabalhos como o de Wigboldus, Dijksterhuis e Knippenber (2003) ou de Ramos, Garcia-Marques, Hamilton, Ferreira e Van Acker (2012) que através do paradigma de reconhecimento da palavra-teste estudaram a influência dos estereótipos nas IETs. Para tal, apresentaram aos participantes frases que continham comportamentos ou consistentes com a categoria apresentada (e.g., “O *skinhead* agrediu o vendedor”) ou inconsistentes (e.g., “O *skinhead* abraçou o amigo carinhosamente”). Através desta manipulação encontraram resultados que apontam para uma inibição da ocorrência de IETs quando o estereótipo associado ao actor é inconsistente com o comportamento. Para que na comparação entre os actores adultos e actores crianças as diferenças se devam apenas à variação entre estas duas categorias, utilizámos comportamentos previamente testados plausíveis de serem feitos por crianças ou adultos (Pré-teste 1).

Tomando ainda em consideração os resultados sobre a influência da estereotipicidade do comportamento na ocorrência de IETs, pensou-se ser relevante controlar também a estereotipicidade do traço implicado pelos comportamentos. Deste modo, escolheram-se previamente 12 traços estereotípicos de crianças e de adultos, utilizando descrições que elicitassem esses traços.

Por último, outros resultados encontrados no trabalho de Dix et al. (1986) apontam para que os pais tenham maior facilidade em atribuir aos seus filhos traços implicados por comportamentos positivos do que negativos. Para compreender este fenómeno existem duas perspectivas explicativas, uma focando os comportamentos positivos e outra focando os comportamentos negativos. Quanto aos comportamentos positivos (e.g., A Maria e o amigo iam a correr para comprar um gelado, quando o amigo caiu a Maria parou para o ajudar.), é argumentado que estes proporcionam menores ganhos pessoais em termos materiais, indicando maior intenção. Os comportamentos negativos apresentam menor intenção no sentido em que as crianças ainda não aprenderam que estes são comportamentos socialmente desadequados e indesejáveis. Segundo ambas as perspectivas seria argumentável que a ocorrência de IETs em crianças poderia ser facilitada para comportamentos implicativos de traços positivos ou inibida para comportamentos implicativos de traços negativos. Concluindo, de modo a que a valência dos traços e a sua influência no processo inferencial seja minimizada é pertinente que o mesmo número de comportamentos implicativos de traços positivos e negativos sejam apresentados a cada participante.

Resumindo, as inferências espontâneas de traço foram estudadas da perspectiva individual e de grupo. No entanto existem lacunas na literatura correspondentes à ocorrência deste efeito quando mais do que um actor (agindo independentemente e não em grupo) realiza o mesmo comportamento, principalmente se estes actores pertencerem a diferentes categorias sociais. Espera-se então que o presente estudo seja um contributo válido para o aumento da compreensão deste domínio, fornecendo uma melhor compreensão sobre a forma como representamos as pessoas a partir dos seus comportamentos. O estudo das duas categorias sociais em questão (crianças e adultos) pode também fornecer informação sobre como atribuímos traços às crianças quando estas estão na presença de adultos.

Pré-teste 1

Com este pré-teste pretendíamos obter frases cujos comportamentos fossem plausíveis de serem realizados por adultos e por crianças.

Método

Participantes. Trinta e dois participantes ($M = 22.2$ anos; $SD = 5.34$ anos; 25 do género feminino, seis do género masculino, um indicou não se identificar com nenhum destes géneros) completaram este pré-teste. Destes participantes 20 eram estudantes da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo recebido créditos no âmbito de uma unidade curricular pela sua participação numa sessão experimental de uma hora. Os restantes 12 participantes foram recrutados através da plataforma de participantes externos do Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo-se deslocado ao laboratório para participar numa sessão experimental de uma hora, tendo recebido um *voucher* com o valor de cinco euros pela sua participação. Todos os participantes tinham como língua materna o português.

Em média a amostra definiu o seu grau de contacto diário com crianças entre o ocasional e o frequente ($M = 3.47$, $SD = 1.24$, numa escala de cinco pontos desde “muito raro” a “muito frequente”), sendo que apenas dois participantes tinham filhos.

Material. Dado que este projecto de investigação visa estudar inferências espontâneas de traço quando os actores de um dado comportamento são crianças e adultos, o mesmo comportamento deve ser igualmente apropriado para ambos os tipos de actores.

Assim, primeiramente fez-se uma compilação de frases descrevendo comportamentos implicativos de traços retiradas de vários artigos. Notou-se que a maioria deles eram implausíveis de terem sido feitos por uma criança (e.g., “Atravessou a rua para não cumprimentar um antigo colega de liceu”). Notou-se ainda que alguns dos traços implicados pelas frases pareciam ser mais típicos de adultos do que de crianças (e.g., “avarento”).

Deste modo, decidimos escolher traços que tinham sido previamente pré-testados no nosso laboratório como sendo traços típicos de crianças e adultos (e também quanto à sua valência) e depois verificar as frases disponíveis para cada um desses traços.

Fizemos então uma selecção de 10 traços para cada uma de quatro categorias diferentes – traços estereotípicos de criança positivos, estereotípicos de criança negativos, estereotípicos de adulto positivos, estereotípicos de adulto negativos. Tomando como base os comportamentos recolhidos inicialmente dos artigos, seleccionámos os que eram implicativos dos traços que escolhemos e, quando possível, fizemos uma adaptação para que esse comportamento pudesse ter sido feito por um adulto ou por uma criança. Para os traços que estavam associados a comportamentos que não davam para adaptar para ambos os tipos de actor (e.g., “Casou de madrugada em Las Vegas com alguém que conhecia há menos de uma semana” – para aventureiro) gerámos novos comportamentos de raiz.

Para além das 80 frases com comportamentos implicativos de traços (i.e., duas frases para cada um dos 40 traços seleccionados), criámos ainda mais 20 frases. Estas 20 frases eram *fillers* e a sua função era permitir aos participantes utilizarem toda a extensão da escala de avaliação (ver secção “Procedimento”). Metade destas frases descreviam comportamentos que poderiam ter sido feitos apenas por crianças (e.g., “Comeu a papa sozinho, mas sujou a cadeira toda”) ou apenas por adultos (e.g., “Foi beber uns copos à noite com os amigos”). Estes *fillers* não tinham necessariamente traços implicados nas frases.

Procedimento. A tarefa que os participantes realizaram consistia em avaliar 100 frases numa escala de cinco pontos em que os seus extremos eram “criança de certeza” e “adulto de certeza”. Os participantes eram instruídos para utilizar os extremos das escalas só quando os comportamentos descritos nas frases pudessem apenas ter sido feitos por uma criança ou por um adulto. Com isto pretendia-se que os comportamentos implicativos de traço, os que são úteis para o estudo principal, se situassem entre o ponto 2 e o ponto 4, reservando os extremos da escala para comportamentos claramente implausíveis para uma das categorias de actor. Com a presença destes extremos perceberíamos então se existiria algum comportamento implicativo de traço que não

podéssemos utilizar, caso este fosse avaliado como “criança de certeza” ou “adulto de certeza”.

As frases aqui apresentadas eram as frases implicativas de traços geradas por nós assim como os *fillers*. Agrupámos as frases em 10 conjuntos de 10 frases de modo a que em cada conjunto estivessem 8 frases com comportamentos implicativos de traço – 2 com o traço positivo e estereotípico de criança, 2 com o traço negativo e estereotípico de criança, 2 com o traço positivo e estereotípico de adulto e 2 com o traço negativo e estereotípico de adulto - e 2 frases *filler*. Deste modo, garantimos que cada vez que os participantes viam um conjunto de 10 frases, logo desde início eram apresentadas algumas frases *filler* (verdadeiramente implausíveis), para evitar que avaliassem comportamentos meramente atípicos (comportamentos que implicavam traços contra-estereotípicos) como impossíveis de terem sido realizados ou por uma criança ou por um adulto. A ordem pela qual os participantes viam cada conjunto e cada frase dentro de um dado conjunto foi aleatorizada.

No final do pré-teste os participantes forneciam algumas informações demográficas, sendo estas: idade, género, ocupação (no caso de estudantes, também a área de estudos ou curso), língua materna, nacionalidade, frequência percebida de contacto com crianças (numa escala de 5 pontos desde “muito raro” a “muito frequente”) e relação dessas crianças com o participante (e.g., filhos, alunos).

Resultados

Para cada uma das frases calculámos as avaliações médias, os intervalos de confiança a 95% da média (95% IC) e os desvios-padrão (SD; ver Anexo A).

Tal como esperado, as avaliações médias das 10 frases *filler* que descreviam comportamentos de criança estão muito próximas do ponto “criança de certeza” ($M = 1.26$, $SD = 0.16$) e as das frases *filler* que descreviam comportamentos de adulto estão muito próximas do ponto “adulto de certeza” ($M = 4.75$, $SD = 0.21$).

Quanto às frases focais deste pré-teste, das 80 frases, em 33 delas, como pretendido, os intervalos de confiança incluem o ponto médio da escala “adulto ou criança”. Adoptando um critério mais amplo 70 frases são significativamente diferentes das frases *filler*, ou seja, não há sobreposição entre os seus intervalos de confiança e os

intervalos de confiança das frases *filler* criança ou das frases *filler* adulto. Por esta razão consideraram-se também estas 70 frases como plausíveis para ambas as categorias de actores.

Pré-teste 2

Este segundo pré-teste tinha como propósito confirmar se os traços que pretendíamos induzir com as descrições de comportamentos eram de facto os traços inferidos pelos participantes.

Método

Participantes. Sessenta e um participantes ($M = 21.1$ anos; $SD = 3.2$ anos; 52 do género feminino, nove do género masculino) completaram este pré-teste. Destes participantes 39 eram estudantes da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo recebido créditos no âmbito de uma unidade curricular pela sua participação numa sessão experimental de uma hora. Os restantes 22 participantes eram externos tendo recebido um *voucher* com o valor de cinco euros pela participação numa sessão experimental de uma hora. Sessenta dos participantes tinham como língua materna o português e um participante tinha como língua materna o romeno.

Em média a amostra definiu o seu grau de contacto diário com crianças entre o raro e o ocasional ($M = 2.93$, $SD = 1.37$, numa escala de cinco pontos desde “muito raro” a “muito frequente”), sendo que apenas um participante tinha filhos.

Material e Procedimento. Dado o objectivo deste pré-teste, utilizámos apenas as frases implicativas de traço anteriormente avaliadas no Pré-teste 1, pois as frases *filler* não vão ser parte integrante do estudo que se segue.

Assim a tarefa que os participantes realizaram consistia em gerar dois traços para cada uma de 40 frases implicativas de traço apresentadas em ordem aleatória, seguindo o enunciado “Esta pessoa é...”. Os participantes foram distribuídos aleatoriamente por dois grupos, recebendo cada um dos grupos um conjunto diferente de 40 frases. No total, neste pré-teste foram gerados dois traços para 80 frases.

No final do pré-teste os participantes forneciam algumas informações demográficas, sendo estas: idade, género, ocupação (no caso de estudantes, também a área de estudos ou curso), língua materna, nacionalidade, frequência percebida de

contacto com crianças (numa escala de cinco pontos desde “muito raro” a “muito frequente”) e relação dessas crianças com o participante (e.g., filhos, alunos).

Resultados

Para cada frase testada calculámos a frequência com que cada traço foi gerado, onde estes foram ordenados do traço mais consensualmente gerado até ao menos consensualmente gerado. Em anexo encontram-se todas as frases com os dois traços mais gerados para cada uma, e as respectivas percentagens (Anexo B).

Para cada frase esperávamos que os traços gerados com mais concordância pelos participantes correspondessem aos traços por nós seleccionados no início. Das 80 frases, em 56 o traço mais gerado pelos participantes foi o traço previsto.

Estudo: Inferindo sobre crianças e adultos

Este estudo tem como objectivo perceber se o traço que as pessoas inferem de um determinado comportamento fica associado mais intensamente a um actor adulto ou um actor criança.

Método

Participantes. Sessenta participantes ($M = 20.6$ anos; $SD = 4.5$ anos; 54 do género feminino, cinco do género masculino, um indicou não se identificar com nenhum destes géneros) completaram este estudo. Todos os participantes eram estudantes da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo recebido créditos no âmbito de uma unidade curricular pela sua participação numa sessão experimental.

Em média a amostra definiu o seu grau de contacto diário com crianças entre o raro e o ocasional ($M = 2.83$, $SD = 1.16$, numa escala de cinco pontos desde “muito raro” a “muito frequente”), sendo que nenhum dos participantes tinha filhos. Sessenta e cinco por cento da amostra definiu o tipo de relacionamento com crianças como irmãos ou primos.

Material.

Fotografias. Utilizaram-se 80 fotografias no decorrer do estudo, mas 16 foram apresentadas apenas na fase da tarefa final de reconhecimento forçado. As restantes 64 faces foram apresentadas nas fases de estudo e de teste. As fotografias tiveram diferentes bases de dados de origem. As fotografias de adultos foram retiradas das bases SAVE (Garrido et al., 2017) e KDEF (Goeleven, De Raedt, Leyman, & Verschuere, 2008). No caso das crianças utilizaram-se fotografias da base CAFE (LoBue, & Thrasher, 2015) e fotografias tipo-passe retiradas da internet. Todas as fotografias foram tratadas para terem a mesma dimensão, o fundo da fotografia ser branco, ficarem cortadas abaixo do pescoço e todos os modelos estarem a sorrir. Embora na investigação sobre as IETs seja habitual utilizarem-se fotografias com faces com expressão neutra, utilizaram-se fotografias com modelos a sorrir porque é a postura mais próxima do natural. Pois sobretudo no caso das fotografias de crianças os participantes estranham

quando se apresentam fotografias com faces com expressão neutra. Estas faces foram apresentadas em seis versões diferentes. Dependendo da versão do material que os participantes vissem, uma determinada foto poderia surgir à direita ou à esquerda da outra foto do seu par (e.g., criança à esquerda, adulto à direita). Cada ensaio (i.e., frase descritiva de comportamento, ver abaixo) poderia ter um par de faces do género feminino ou masculino.

Frases. Utilizaram-se 32 frases que foram seleccionadas do total de frases que foram pré-testadas anteriormente. Estas 32 frases com comportamentos distribuem-se igualmente por quatro grupos de comportamentos implicativos de traços: oito de traços positivos estereotípicos de adultos, oito de traços negativos estereotípicos de adultos, oito de traços positivos estereotípicos de crianças, e oito de traços negativos estereotípicos de crianças.

Estas frases foram seleccionadas tendo em conta três critérios. Primeiramente, teve-se em conta o pré-teste de geração de traços – seleccionaram-se então as frases com comportamentos que elicitaram mais consensualmente o traço pretendido. Dessas frases seleccionaram-se aquelas nas quais, no pré-teste de avaliação de comportamentos, era mais plausível os comportamentos terem sido feitos por uma criança ou por um adulto indiferenciadamente. Após estes dois processos de seleção ficaram a existir ainda casos onde uma frase poderia evocar consensualmente o traço pretendido, mas evocava também um outro traço, querendo isto dizer que os participantes inferiram dois traços diferentes com probabilidade semelhante para o mesmo comportamento. Essas frases foram excluídas e utilizaram-se aquelas em que o traço pretendido fosse o mais gerado e o segundo traço mais gerado tivesse menos consenso.

Estes quatro grupos de comportamentos foram ajustados para o plural e contrabalançados entre os vários tipos de ensaio. Deste modo foram atribuídos dois comportamentos de cada grupo aos ensaios emparelhados, desemparelhados, *filler* e *filler* de estudo (cada tipo de ensaio está explicado a secção do procedimento). Destas frases algumas acrescentaram-se os traços (ensaios *filler*) e noutras não (ensaios críticos). Para 12 dos comportamentos o traço implicado foi incluído na frase com o comportamento – oito destas frases eram as frases *filler* comuns neste paradigma e 4 destas frases eram frases *filler* de estudo. Por exemplo, a frase, “Pregaram uma partida tão boa à amiga que até ela se riu” foi substituída pela frase, “São tão brincalhonas que

até a amiga se riu da partida que lhe pregaram”. As 32 frases foram apresentadas em ordem aleatória a todos os participantes.

Procedimento. A tarefa consistia em 3 fases: uma fase de estudo, uma fase de teste e uma tarefa de reconhecimento de faces. Na fase inicial de estudo foi dito aos participantes que o estudo incidia sobre a forma como memorizamos informação sobre outras pessoas e que iriam ver fotografias de pessoas e frases sobre elas. A sua tarefa seria estudar o material com o máximo de atenção. Começaram por ver um ensaio de treino (i.e., 1 fotografia de criança e uma fotografia de adulto acompanhadas da frase “Comeram uma sobremesa fria depois do jantar”) e depois começaram a tarefa. Este ensaio de treino foi inserido tanto com o objectivo de não ser surpreendente para os participantes ver fotografias de faces de crianças, como de tornar possível existirem ensaios de treino na fase de teste. Existiam frases sem o traço presente, no caso dos ensaios emparelhados e desemparelhados e com o traço presente, no caso dos ensaios *filler*. Para que não fosse explícito o objectivo de comparar crianças com adultos foram também apresentados alguns ensaios com duas faces de dois adultos, ou duas faces de crianças – *filler* estudo – estes ensaios não foram apresentados na fase de teste.

Na segunda fase, a fase de teste, foi apresentada em cada ensaio uma face acompanhada de um traço, na qual a tarefa pedida aos participantes consistia em dizerem se a palavra estava presente na frase que acompanhava aquela face na fase de estudo. Para tal teriam de responder “Sim” carregando na tecla X ou “Não” carregando na tecla M. Nos ensaios emparelhados e desemparelhados a resposta correcta era “Não”, porque o traço não estava presente na fase de estudo; caso respondessem “Sim”, a resposta correspondia a um falso reconhecimento. No caso dos ensaios desemparelhados, os traços que eram apresentados na fase de teste eram de valência oposta aos traços implicados pelo comportamento anteriormente associado àquela fotografia. Garantir que a valência destes ensaios era oposta ao traço implicado, deveu-se ao facto do efeito de inferência de um traço se generalizar para outros traços da mesma valência (Carlston & Skowronski, 2005; Orghian, Ramos, Garcia-Marques, 2018), assegurando assim que as inferências feitas anteriormente não influenciam os ensaios desemparelhados. Estes traços eram ainda contrabalanceados entre traços estereotípicos de criança e estereotípicos de adulto, deste modo evitando que as respostas dos participantes tivessem enviesamentos derivados de *guessing*. Para os

ensaios *filler* o traço estava presente na fase de estudo com a face apresentada, deste modo a resposta correcta era “Sim”. Esta fase estava dividida em dois blocos. No primeiro bloco, os participantes viam uma das faces de cada par. E num segundo bloco viam as restantes faces de cada par. Utilizaram-se dois blocos de teste com o intuito de se poder analisar os resultados obtidos em cada comportamento implicativo de traço intraparticipantes. Ou seja, pretendia-se poder comparar, se em cada participante, o traço tinha sido inferido para os dois actores ou apenas um, para cada comportamento. Os participantes começaram então esta fase com quatro ensaios de treino, de modo a que percebessem a tarefa. Nestes ensaios de treino eram apresentadas as duas faces isoladamente (i.e., a face da criança ou a face do adulto), cada uma duas vezes. Uma vez com a palavra “gelatina”, para a qual tinham de responder “Não”, pois esta palavra não estava presente na frase “Comeram uma sobremesa fria depois do jantar”, e uma segunda vez com a palavra “frio”, onde tinham de responder “Sim” pois esta palavra estava presente. Na fase de teste todas as palavras apareciam no singular, pois eram apresentadas apenas com uma face, como tal utilizou-se a palavra “frio” em vez de “fria” com o objectivo tornar evidente a instrução dada aos participantes de que ignorassem o género ou o número da palavra (plural ou singular). Os participantes eram então informados que algumas palavras poderiam ter sido apresentadas na fase de estudo no plural e na fase de teste estariam no singular, ou que poderiam ser apresentadas na fase de estudo no feminino, e que seriam apresentadas na fase de teste no masculino, era pedido que tratassem estes casos como sendo a mesma palavra.

Na última tarefa, nomeadamente a tarefa de reconhecimento de faces, os participantes viam em cada ensaio apenas uma face e a sua tarefa era dizer se a face já tinha sido apresentada anteriormente. As respostas podiam ser “Sim” carregando na tecla X ou “Não” carregando na tecla M. O objectivo desta tarefa era perceber se os participantes estavam a reconhecer melhor os actores adultos do que os actores crianças, como seria de esperar pelo *own-age bias* de reconhecimento de faces (e.g., Anastasi & Rhodes, 2005). Caso isto se verificasse, seria problemático para o presente estudo porque significaria que os participantes não estavam necessariamente a inferir mais os traços para adultos (como se prevê), mas sim que não estavam a reconhecer as crianças tão bem, o que se reflectiria numa incapacidade de associar o traço ao actor. Para este efeito metade das faces já tinham sido previamente vistas e correspondiam às faces apresentadas nos ensaios *filler* estudo, que só foram apresentadas na fase de estudo. A

outra metade das faces eram novas. Todas as faces apresentadas nesta última fase estavam em número igual de ambos os géneros e idades. No entanto, devido a um erro de programação estes dados não foram gravados, pelo que não serão apresentados os resultados referentes a esta parte do estudo.

Por fim, os participantes responderam a cinco perguntas referentes à sua idade, género, ocupação, a frequência com que tinham contacto com crianças e qual a sua relação com elas (filhos, irmãos, primos, ...).

Teremos em consideração que, embora os resultados encontrados por Todorov e Uleman (2002) não salientem diferenças significativas entre condições de emparelhamento no Estudo 1 referentes aos tempos de resposta, não existe investigação na comparação entre dois actores diferentes. Assim sendo decidiu-se recolher os dados dos tempos de resposta. No caso de existirem diferenças entre os dois alvos, será expectável que essas diferenças sejam reflectidas em maiores tempos de respostas correctas para os ensaios emparelhados do que para ensaios desemparelhados.

Resultados

Inicialmente previu-se a replicação do efeito das IETs para os actores adultos encontrado na literatura. Colocou-se também como hipótese que os participantes iriam inferir menos para a categoria das crianças do que para os adultos. Resultados que demonstram a ocorrência de IETs são um maior número de falsos reconhecimentos para a condição emparelhada que para a desemparelhada. Um falso reconhecimento para ambas as condições era dar uma resposta “Sim” à questão “A palavra apresentada estava presente na frase que acompanhava esta face na fase de estudo?”. Relembrando, tanto no caso dos ensaios emparelhados como no dos desemparelhados a resposta “sim” era errada, porque o traço apresentado na fase de teste não estava presente na frase apresentada na fase de estudo. A diferença entre os ensaios emparelhados e desemparelhados é que enquanto no primeiro caso o traço estava implicado na frase que acompanhava aquela face na fase anterior, o mesmo não acontecia com os ensaios desemparelhados, onde o traço implicado pela frase na fase de estudo era diferente. As variáveis independentes são a categoria do actor (criança vs. adulto) e o tipo de emparelhamento nos ensaios experimentais (emparelhado vs. desemparelhado).

Falsos Reconhecimentos.

Bloco 1 e bloco 2 agregados. Estabelecemos inicialmente que seriam analisados os dados de ambos os blocos em conjunto caso não existissem diferenças significativas entre blocos, nem se verificassem interações significativas com as outras condições. Caso contrário procederíamos apenas com a interpretação dos dados obtidos no bloco 1.

Começou-se então por fazer uma análise ANOVA de medidas repetidas 2 (bloco: bloco 1 vs. bloco 2) x 2 (categoria do actor: criança vs. adulto) x 2 (tipo de emparelhamento: emparelhado vs. desemparelhado) sobre a proporção de falsos reconhecimentos.

Nesta análise encontrou-se então um efeito principal de bloco, $F(1, 59) = 9.08$, $p = .004$, $\eta_p^2 = .133$, em que ocorreram mais falsos reconhecimentos para o bloco 2 ($M = .32$, $SD = .02$) do que para o bloco 1 ($M = .26$, $SD = .02$). A interação entre bloco e categoria do actor, $F(1, 59) = 3.17$, $p = .080$, $\eta_p^2 = .051$, e a interação do bloco, categoria do actor e tipo de ensaio, $F(1, 59) = 3.46$, $p = .068$, $\eta_p^2 = .055$, foram marginalmente significativas. Por se terem encontrado diferenças estatisticamente significativas entre o bloco 1 e o bloco 2 e pelas interações marginalmente significativas decidiu-se, como foi previamente explicado, analisar os dados do bloco 1 separadamente, pois estes, ao contrário do que acontece para o bloco 2, não tiveram influências na memória derivadas do outro bloco (ver secção seguinte).

Nos restantes resultados da análise com os dados do bloco 1 e 2 agregados encontrou-se um efeito principal de tipo de ensaio, $F(1, 59) = 16.89$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .223$, no qual os participantes fizeram mais falsos reconhecimentos para os ensaios emparelhados ($M = .34$, $SD = .11$) do que para os ensaios desemparelhados ($M = .24$, $SD = .10$). Estes resultados replicaram o efeito de IETs encontrado previamente na literatura (Todorov & Uleman, 2002; 2003). A interação entre bloco e tipo de ensaio não foi estatisticamente significativa, $F < 1$, assim como a interação de categoria do actor e tipo de ensaio, $F(1, 59) = 1.06$, $p = .307$, $\eta_p^2 = .018$, e o efeito principal da categoria do actor, $F < 1$. Nos ensaios *filler* encontraram-se diferenças significativas entre o bloco 1 ($M = .59$; $SD = .03$) e o bloco 2 ($M = .49$; $SD = .03$), $F(1, 59) = 9.53$, $p = .003$. Considerou-se que a média de acertos para o bloco 2 ($M = .49$; $SD = .03$) é muito perto do acaso, fornecendo mais uma razão para que as interpretações se foquem no bloco 1.

Bloco 1. Para o bloco 1 fez-se uma análise ANOVA de medidas repetidas 2 (categoria do actor: criança vs. adulto) x 2 (tipo de emparelhamento: emparelhado vs. desemparelhado) sobre a proporção de falsos reconhecimentos.

Observou-se uma diferença estisticamente significativa entre os ensaios experimentais emparelhados e desemparelhados, $F(1, 59) = 15.60, p < .001, \eta_p^2 = .209$. Obteve-se uma maior proporção de falsos reconhecimentos na condição emparelhados ($M = .32, SD = .03$) do que na condição desemparelhados ($M = .20, SD = .02$), revelando um efeito principal significativo do tipo de emparelhamento em ensaios experimentais. Estes resultados replicam o efeito de falsos reconhecimentos previamente estudado em investigações passadas, refletindo evidência sobre IETs.

Obteve-se uma interação significativa entre o tipo de emparelhamento nos ensaios experimentais e a categoria do actor, $F(1, 59) = 4.20, p = .045, \eta_p^2 = .066$. As proporções de falsos reconhecimentos não diferem estatisticamente quando os actores eram crianças para os ensaios emparelhados e desemparelhados, $t(59) = 1.63, p = .108$. No entanto, quando os actores eram adultos, observou-se uma diferença significativa entre os ensaios emparelhados e os ensaios desemparelhados, $t(59) = 4.07, p < .001$ (ver Figura 1). Esta diferença expressou-se através de uma maior proporção de falsos reconhecimentos para a condição dos ensaios emparelhados replicando o efeito de IETs para actores adultos observado em investigações passadas.

A proporção de falsos reconhecimentos ao nível dos ensaios desemparelhados é semelhante entre os actores crianças e adultos, revelando que o desempenho dos participantes na tarefa foi semelhante para ambos os actores nos ensaios desemparelhados. Assim, a única coisa que diferiu foram os falsos reconhecimentos nos ensaios emparelhados para os actores adultos que apontam para a ocorrência de IETs para estes actores. Estes resultados reflectem a ocorrência de mais inferências de traço que ficaram associadas aos actores adultos do que aos actores crianças.

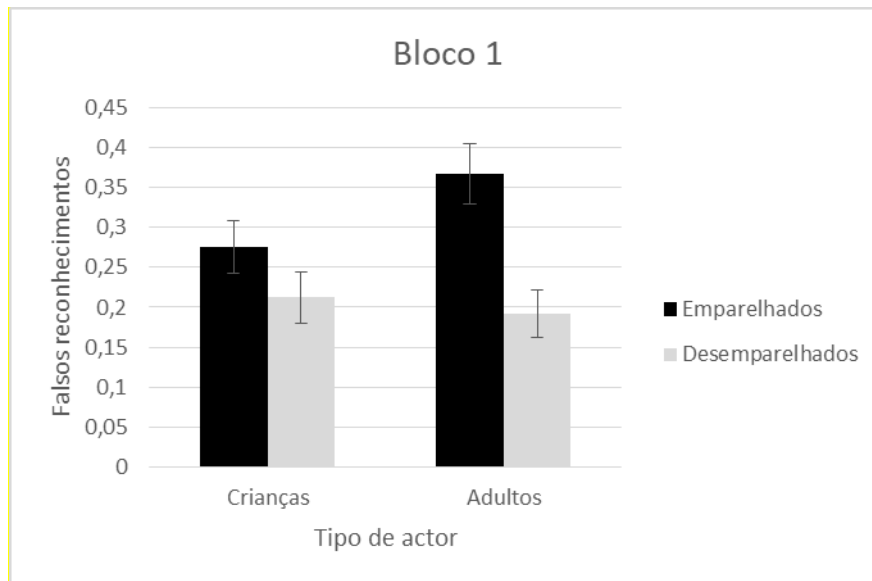


Figura 1: Proporção de falsos reconhecimentos numa interação do tipo de ensaio (Emparelhado vs. Desemparelhado) com a categoria do actor (Crianças vs. Adultos) – as barras de erro correspondem aos valores de desvio-padrão.

Para os ensaios *filler* não foram observadas diferenças significativas entre os actores adultos e crianças, $t(59) < 1$.

Realizou-se ainda uma análise de falsos reconhecimentos condicionais com o objectivo de perceber se quando ocorria um falso reconhecimento para um dos actores no bloco 2, este falso reconhecimento teria ocorrido por replicação da resposta para o mesmo traço no bloco 1 para o outro actor. Por exemplo, considerando que no bloco 1 os participantes inferiram os traços dos comportamentos associados a faces de adultos e consequentemente reconheceram falsamente esses traços associados a essas faces de adulto, num segundo bloco, quando expostos aos mesmos traços com faces de criança, pode-se ter dado o caso de que os participantes simplesmente se recordaram que responderam que os traços estavam presentes para os adultos replicando as respostas para as crianças. Se assim se verificasse, a associação existente não era entre o traço e a face da criança, mas sim entre a face da criança e a face do adulto previamente observada no bloco 1. Para esta análise contabilizaram-se os falsos reconhecimentos do bloco 1 que se traduziram em falsos reconhecimentos, para o mesmo traço, no bloco 2. Para os ensaios emparelhados, quando o actor no bloco 1 era adulto e houve um falso reconhecimento do traço ($f = 88$), em 58% dos casos houve um falso reconhecimento do mesmo traço para o actor criança no bloco 2 ($f = 51$). Quando o actor no bloco 1 era

criança e ocorreu um falso reconhecimento ($f = 66$), ocorreu um falso reconhecimento do mesmo traço para o actor adulto no bloco 2 em 53% dos casos ($f = 35$). Estatisticamente, a probabilidade de ocorrência de um falso reconhecimento para um actor criança dado o falso reconhecimento para o actor adulto que tinha sido seu par não difere da probabilidade de ocorrência de um falso reconhecimento para adulto dado o falso reconhecimento para criança, $p = .543$.

As probabilidades de ocorrência de um falso reconhecimento no bloco 2, para actores crianças ou adultos, dada a ocorrência de um falso reconhecimento no bloco 1 também não diferiram estatisticamente nos ensaios desemparelhados, $p = .657$. Neste tipo de ensaios, um falso reconhecimento no bloco 1 para actores crianças ($f = 51$) voltou a ocorrer no bloco 2 para actores adultos em 41% dos casos ($f = 21$). Quando o falso reconhecimento ocorreu para actores adultos no bloco 1 ($f = 46$), voltou a ocorrer para actores crianças em 46% dos casos.

Tempos de resposta.

Seguindo o procedimento de Todorov e Uleman (2002), os tempos de resposta inferiores a 250ms foram apagados em todas as condições, por não serem tempo suficiente para os participantes processarem informação. Todos os dados dos tempos de resposta foram analisados sem sofrerem transformações.

Ao nível dos tempos de resposta das respostas correctas a única diferença estatisticamente significativa que foi encontrada foi quando se comparou o bloco 1 com o bloco 2, $F(1, 53) = 56.94$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .518$, onde os participantes responderam mais rapidamente no bloco 2 ($M = 1515\text{ms}$) do que no bloco 1 ($M = 2028\text{ms}$).

Considerando então os resultados obtidos para os tempos de resposta das respostas correctas do bloco 1, não se encontraram diferenças significativas entre os ensaios emparelhados e desemparelhados, $F < 1$. Seria expectável que fosse mais difícil para os participantes rejeitar correctamente um traço na fase de teste que tivesse sido inferido na fase de estudo, do que um traço que não tivesse sido inferido. Deste modo esperava-se que os tempos de resposta das correctas rejeições fosse superior para os ensaios emparelhados do que para os ensaios desemparelhados. Embora tal facto não se tenha verificado e os dados obtidos no presente estudo não sigam o padrão esperado, os resultados encontrados para esta medida na literatura não são consistentes (Ramos, Orghian, & Garcia-Marques, 2012; Todorov & Uleman, 2002). No caso da interação

entre categoria do actor e tipo de ensaio não se observaram diferenças significativas $F(1, 55) < 1$. Estes resultados verificaram-se quando ambos os blocos foram analisados em conjunto e para o bloco 1 em separado.

As análises dos tempos de resposta do presente estudo focaram-se nas correctas rejeições de traços implicados, pois nas análises realizadas para os tempos de resposta dos falsos reconhecimentos veio-se a verificar uma grande quantidade de dados em falta (*missings*) derivados da existência de poucos erros em algumas condições. Já Todorov e Uleman (2002) referiram que focaram as suas análises nas correctas rejeições de traços implicados pois, primeiramente, as suas previsões desta variável eram derivadas directamente das suas hipóteses. Ao passo que os tempos de respostas dos falsos reconhecimentos eram determinados por múltiplos factores. Em segundo lugar, Todorov e Uleman (2002) encontraram em algumas condições grandes quantidades de dados em falta para analisar tempos de resposta de falsos reconhecimentos. No presente estudo, para os dados conjuntos dos blocos 1 e 2 dos tempos de resposta dos falsos reconhecimentos verificou-se precisamente este último ponto, estando disponíveis dados completos para apenas quatro participantes. Dado que todas as variáveis do presente estudo foram manipuladas intra-participantes, bastava um participante não ter cometido nenhum falso reconhecimento num dos tipos de ensaio para uma categoria de actor, num dos blocos, para que os seus dados não pudessem entrar na análise. Por esta razão não foram feitas análises com os dados conjuntos dos blocos 1 e 2. Olhando apenas para o bloco 1, uma ANOVA de medidas repetidas 2 (categoria do actor: criança vs. adulto) x 2 (tipo de emparelhamento: emparelhado vs. desemparelhado) sobre os tempos de resposta dos falsos reconhecimentos revelou uma interação que se aproxima da significância, $F(1, 14) = 3.05$, $p = .103$, $\eta_p^2 = .179$. No entanto, foram obtidos dados completos de apenas 15 participantes, ou seja, que fizeram falsos reconhecimentos em todas as condições, recomendando-se cautela na interpretação destes dados. Ainda assim, para os ensaios emparelhados estes tempos de resposta foram mais rápidos para actores adultos ($M = 1690\text{ms}$; $SD = 176\text{ms}$) do que para actores crianças ($M = 2111\text{ms}$; $SD = 296\text{ms}$), contrariamente ao que se passou para os ensaios desemparelhados onde se verificou um tempo de resposta mais longo para actores adultos ($M = 2140\text{ms}$; $SD = 352\text{ms}$) do que para actores crianças ($M = 1982\text{ms}$; $SD = 287\text{ms}$). Este padrão de resultados é oposto dos dados encontrados para os falsos reconhecimentos, pois no caso dos falsos reconhecimentos dos ensaios emparelhados encontrou-se uma maior

ocorrência de IETs para adultos. Então se um traço ficar associado a um actor, os participantes teriam mais dificuldade a rejeitar correctamente a sua presença nos comportamentos reflectindo-se num maior tempo de resposta para as respostas correctas. De acordo com os dados encontrados para os falsos reconhecimentos os participantes teriam maior dificuldade na correcta rejeição dos traços nos ensaios emparelhados para adultos do que para crianças, o que deveria apontar para maiores tempos de respostas correctas para adultos.

Discussão

No presente estudo procurou-se comparar a facilidade com que inferimos espontaneamente traços para actores de categorias sociais diferentes a partir de um comportamento feito por ambos, mais especificamente comparar entre actores adultos e crianças. Com este objectivo, utilizou-se uma variação do paradigma de falsos reconhecimentos apresentando-se, numa fase de estudo, conjuntos de duas faces de actores associadas a um comportamento implicativo de traço. Estes actores eram uma criança e um adulto, ou dois actores da mesma categoria social (dois adultos, ou duas crianças). Numa fase de teste, os participantes viam dois blocos com conjuntos de uma face associada a um traço. Este traço poderia ter estado presente na frase com o comportamento – *filler* –, não ter estado presente mas ser o traço implicado no comportamento – emparelhado – ou não ter estado presente e não ser o traço implicado pelo comportamento – desemparelhado. Pretendia-se primeiramente replicar o efeito de IETs encontrado anteriormente (e.g., Todorov & Uleman, 2002, 2003). Como tal previa-se que para o caso em que os actores eram adultos nos ensaios emparelhados existisse uma maior proporção de falsos reconhecimentos que nos ensaios desemparelhados, confirmando assim a ocorrência de inferências associadas aos actores adultos. Era esperado também que existissem diferenças na facilidade com que estas inferências ocorrem para adultos e para crianças, sendo que esta diferença ocorreria por maior frequência de falsos reconhecimentos para os adultos e menor frequência de falsos reconhecimentos para crianças em ensaios emparelhados.

Quando se tomou em consideração os resultados de ambos os blocos agregados, surgiu um efeito principal de tipo de ensaio, onde se verificou uma maior proporção de falsos reconhecimentos para os ensaios emparelhados do que para os ensaios desemparelhados reflectindo o efeito de falsos reconhecimentos congruente com os resultados encontrados na literatura. Contudo encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre as proporções de falsos reconhecimentos entre o bloco 1 e o bloco 2. Encontrou-se também uma interação marginalmente significativa entre o bloco e o actor, e entre o bloco, actor e tipo de ensaio que eram interações de variáveis que se pretendiam focar neste estudo. A ocorrência de diferenças entre os resultados dos dois blocos e a existência de interações marginalmente significativas nas variáveis que se pretendia explorar dificultou uma interpretação clara dos resultados agregados dos dois blocos. Tentaremos explicar estes resultados numa fase posterior

desta discussão. Para além disso, os participantes responderam mais rapidamente no bloco 2 e cometeram mais erros nos ensaios *filler* deste bloco, levantando a possibilidade de terem respondido com menos atenção neste segundo bloco. Deste modo, procederam-se às análises estatísticas apenas com os resultados do primeiro bloco, visto que as respostas a este bloco, por terem sido dadas primeiro, não foram influenciadas pela exposição ao bloco 2.

Considerando então apenas as respostas do bloco 1, verificou-se também um efeito principal de tipo de ensaio. A maior proporção de falsos reconhecimentos nos ensaios emparelhados do que nos ensaios desemparelhados sugere que os participantes inferiram os traços implicados pelos comportamentos apresentados na fase de estudo e que os associaram aos seus actores, na medida em que a apresentação do traço na fase de teste induziu a um maior número de erros. Isto porque os participantes erraram então na discriminação entre a informação apresentada inicialmente no comportamento e a inferência que fizeram desse comportamento, sendo esta discriminação dificultada pelas inferências feitas na codificação da informação, replicando-se assim o efeito de IETs como pretendido (e.g., Todorov & Uleman, 2002; 2003).

Não se encontrou um efeito principal de actor, ou seja os participantes não fizeram mais falsos reconhecimentos para adultos nem para crianças, contudo nesta comparação tem-se em conta todos os ensaios nos quais o traço não estava presente (emparelhados e desemparelhados). Tal facto não remete para que os participantes tenham inferido de igual modo os traços para ambos os actores.

O que é expectável para se poder afirmar que os traços foram inferidos mais frequentemente para adultos do que para crianças é que exista uma interação entre o tipo de ensaio e a categoria do actor. Onde no caso em que os actores são adultos se verifique o marcador de inferências espontâneas de traço, e no caso das crianças não se verifique este marcador, ou que este seja menos pronunciado. Os resultados apontam exatamente para estas diferenças, sendo que quando os actores foram adultos, os participantes inferiram os traços apresentando maior proporção de falsos reconhecimentos em ensaios emparelhados do que desemparelhados, replicando os resultados de investigações passadas com adultos (e.g. Goren & Todorov, 2009; Todorov & Uleman, 2002; 2003). Mas quando os actores foram crianças, esta diferença entre os dois tipos de ensaio não foi significativa, embora os resultados sigam o mesmo padrão, existindo uma proporção de falsos reconhecimentos ligeiramente mais elevada nos ensaios emparelhados do que nos desemparelhados. Estes resultados revelam que para

os adultos ocorreram IETs, e para as crianças ou não ocorreram, ou ocorreram em menor grau de intensidade, confirmando assim a hipótese inicial de que quando há dois actores independentes com diferentes graus de auto-determinação para um mesmo comportamento, a intensidade com que os participantes inferem traços para os dois actores difere.

Estes resultados estendem os efeitos encontrados por Hamilton et al. (2015), na medida em que estes autores encontraram a ocorrência da formação de um conceito de grupo formado a partir das IETs, no entanto, no presente estudo encontraram-se diferenças na ocorrência de IETs para dois actores diferentes que fazem um mesmo comportamento. As diferenças observadas na ocorrência de IETs entre adultos e crianças no presente estudo podem então apontar para que a formação de uma IETG pode resultar da combinação de um conjunto de IETs para um conjunto de actores percebidos enquanto iguais. Estes resultados convergem com os resultados encontrados por Thibaut e Riecken (1955) que apontam para o facto de que a atribuição do *locus* causal interno parece ter sido feita para o portador de maior poder, ou seja para o actor adulto, contrariamente ao sucedido para os actores crianças aos quais parecem ter sido atribuídos um *locus* causal externo. Isto na medida em que se os dois actores fizeram o mesmo comportamento, e tal não ocorresse, o traço deveria ser inferido e ficar igualmente associado a ambos os actores.

Os resultados obtidos no presente estudo podem ser também explicados à luz das propostas teóricas que têm tentado explicar o efeito de *overshadow* (Waldman, 2001). O efeito de *overshadow* aponta para que quando duas pistas estão associadas a um resultado, a pista que tiver maior peso associativo irá ofuscar a outra (Rescorla-Wagner, 1972). Considerando que possivelmente as pessoas acham que os adultos causam os comportamentos (o seu *locus* é interno) mais do que as crianças (*locus* externo) (Thibaut & Riecken, 1955), a associação entre adulto e comportamento pode ser mais forte do que entre criança e comportamento. Daí que seja possível que haja um fenómeno de *overshadow* (Waldman, 2001), em que a face do adulto funciona melhor como pista do que a face da criança.

Nos resultados obtidos nos ensaios *filler* do bloco 1 não se verificaram diferenças significativas entre adultos e crianças, as proporções de acerto nesta condição estão numa taxa semelhante ao que se tem encontrado na literatura (por volta dos 60%), o que é um bom indicador de que os participantes estavam a discriminar bem quando o traço estava presente na frase para ambos os actores.

Considerando os tempos de resposta para as rejeições correctas, um sinal de ocorrência de inferências seria que para os ensaios emparelhados se verificaria maior tempo de resposta para as correctas rejeições do que para os ensaios desemparelhados (Todorov & Uleman, 2002). Estas diferenças não se verificaram, no entanto os resultados encontrados para esta variável não são consistentes na literatura (Ramos, Orghian, & Garcia-Marques, 2012). Não se verificaram também diferenças ao nível do actor, sendo que os tempos de resposta das correctas rejeições são bastante próximos entre actores adultos e crianças para ambas as condições de emparelhamento.

Na tentativa de explicar as diferenças entre os dois blocos, olhou-se então para os resultados do bloco 1 e do bloco 2. Contrariamente ao que se encontrou no bloco 1, na análise de contrastes dos dois blocos foram observadas diferenças significativas entre os dois tipos de ensaio para adultos e para crianças. Ou seja, nos dados conjuntos dos dois blocos existiram diferenças significativas quando os actores eram crianças entre os ensaios emparelhados e desemparelhados, o que não se tinha verificado para o bloco 1. Estes resultados poderiam remeter para a ocorrência de IETs para crianças. No entanto, por se verificarem apenas no bloco 2, é possível que esta diferença se deva a outros factores, nomeadamente derivado dos participantes terem sido expostos uma segunda vez ao mesmo traço com outra face. Isto é, no bloco 2 foram apresentados aos participantes os mesmos traços que tinham sido testados no bloco 1, só que neste caso, as faces que os acompanhavam eram as outras faces que correspondiam ao mesmo ensaio da fase de estudo. Por exemplo, diga-se que, para um ensaio emparelhado, uma face A de um adulto e uma face B de uma criança seriam apresentadas na fase de estudo com um comportamento implicativo do traço “carinhoso”. Na fase de teste, no bloco 1 seria apresentada a face A e no bloco 2 a face B, as faces estariam ambas associadas ao traço carinhoso. Dado então que no bloco 1 os participantes inferiram os traços dos comportamentos associados a faces de adultos e consequentemente reconheceram falsamente esses traços associados a essas faces de adulto, num segundo bloco, quando expostos aos mesmos traços com faces de criança, pode-se ter dado o caso de que os participantes simplesmente se recordaram que responderam que os traços estavam presentes para os adultos replicando as respostas para as crianças. Se assim for, a associação existente não é entre o traço e a face da criança, mas sim entre a face da criança e a face do adulto previamente observada no bloco 1. Segundo o modelo de Rescorla-Wagner revisto por Van Hamme e Wasserman (1994), num *design* intraparticipantes de associação de estímulos compósitos (neste caso duas faces e um

comportamento implicativo de traço), quando um dos componentes do estímulo é apresentado sozinho posteriormente (e.g., uma face), causa uma activação subsequente na representação dos outros componentes do estímulo (e.g., da outra face previamente apresentada). Ou seja, a apresentação de uma face associada a um traço num primeiro bloco, pode ter reactivado todos os componentes do estímulo apresentado na fase de estudo. Se o participante reconhecesse falsamente o traço no primeiro bloco, seria então mais provável que reconhecesse falsamente também esse traço com a outra face no segundo bloco de teste. Contudo, as análises dos falsos reconhecimentos condicionais não apresentam uma diferença significativa entre si, e consequentemente não suportam esta explicação dos dados.

Por outro lado e outro ponto a considerar é o facto de existirem também diferenças significativas na proporção de respostas correctas para os ensaios *filler* entre os blocos 1 e 2. A média de respostas correctas para os ensaios *filler* do bloco 2 diminui consideravelmente entre os dois blocos, apresentando-se para o bloco 2 um pouco inferior a 50%. Esta percentagem pode sugerir cansaço por parte dos participantes o que causaria confusão na memória, pode também significar que os participantes estavam a responder ao acaso. Mais um resultado que pode convergir com este argumento, é o facto de existirem diferenças significativas entre os tempos de resposta correctas do bloco 1 e do bloco 2. Sendo que os participantes responderam mais rápido para os ensaios do bloco 2 do que para os ensaios do bloco 1. A quantidade de respostas que foram excluídas por serem inferiores a 250ms pode também apoiar este argumento, no sentido em que apenas três respostas foram excluídas dos dados obtidos no bloco 1, enquanto no bloco 2 foram excluídas 16 respostas, sendo indicador de que os participantes podiam estar a tentar apressar as respostas no decorrer do segundo bloco. Todos estes resultados tornam difícil uma interpretação mais concreta dos resultados agregados dos dois blocos.

O estudo presente nesta tese contribui então na medida em que estende a investigação de Crawford et al. (2002) e de Hamilton et al. (2015) sobre a percepção de grupos. Os resultados encontrados apontam para que embora ocorram IETs sobre grupos, é possível que estas sejam um produto da ocorrência de IETs sobre cada membro do grupo, sendo que estas IETs diferem de intensidade quando os actores são diferentes. Este contributo estende-se ainda na medida que converge a literatura sobre inferências espontâneas de traço com a percepção causal social (Thibaut & Riecken, 1955).

Algumas limitações foram encontradas para o presente estudo. Primeiramente, por um problema técnico na programação do *software* utilizado para fazer a experiência, não se recolheram os dados da tarefa de reconhecimento final, que seria bastante útil para perceber se os participantes estavam a discriminar igualmente bem as faces de crianças e as faces de adultos. Esta tarefa de reconhecimento permitia então fortalecer a interpretação de que os traços inferidos ficaram menos associados a faces de crianças se fosse observado igual sucesso na discriminação de faces para ambos os actores. Caso os resultados desta tarefa apontassem para que os participantes estivessem a distinguir faces de crianças com menor sucesso do que as de adultos, poderia ser explicativo da menor ocorrência de falsos reconhecimentos nos ensaios emparelhados para crianças. Se as faces de crianças não estivessem a ser bem identificadas, não existiria uma face para ligar a informação do traço. No entanto, nesse caso dever-se-ia observar também uma maior quantidade de falsos reconhecimentos para crianças nos ensaios desemparelhados pois seria uma tarefa mais difícil lembrar que frase estava associada aquela face (sendo que poderia ser confundida com outra criança).

Outra limitação foi nos estímulos do bloco 2 todas as palavras testadas serem todas traços e serem as mesmas que foram apresentadas no bloco 1. O objectivo de apresentar o mesmo traço no bloco 1 e 2 era de testar a face de adulto e a de criança para o mesmo traço com o mesmo tipo de ensaio. Deste modo cada par de faces apresentadas na fase de estudo era testada com o mesmo traço, sendo possível fazer uma análise intraparticipantes e interparticipantes. No entanto, neste caso a apresentação do mesmo traço nos dois blocos é possível que tenha sido um factor de contaminação de falsos reconhecimentos no bloco 2. A inclusão de palavras diferentes para serem testadas ajuda a que os participantes não se foquem no facto de estarem a ver a mesma palavra para duas faces que foram apresentadas em conjunto. O objectivo de utilizar palavras diferentes é evitar que os participantes a repliquem as respostas do bloco 1 no bloco 2 apenas porque já viram aquela palavra antes, ou seja por contaminação. A utilização de palavras que não sejam traços remete ainda menos para a replicação de respostas no sentido em que no bloco em que se testa o traço o processo de IET dificulta a correcta rejeição, enquanto testar outra palavra que não um traço remete para memorização dos elementos específicos das frases.

Outra limitação apontada ao presente estudo é o facto de em alguns casos ser ambíguo se os dois actores fizeram o comportamento em conjunto ou separadamente

(e.g., “Não pararam sossegados durante todo o filme” – o que pode remeter para a questão: Não pararam sossegados interagindo um com o outro, ou cada um individualmente?). Se os participantes percepcionarem que o comportamento é feito separadamente, é como se estivessem a perspectivar dois actores que fazem dois comportamentos que até poderiam ser diferentes. O que não era o objectivo como no caso de Goren e Todorov (2009) onde encontraram a ocorrência de IETs na presença simultânea de dois actores que faziam comportamentos distintos. O objectivo era então que os participantes percepcionassem dois actores a fazer um mesmo comportamento em grupo sendo este um ponto bastante inovador na literatura das IETs. Contribuindo assim para perceber se existem diferenças na forma como ocorrem as IETs para dois actores diferentes que fazem um mesmo comportamento.

Na secção dos *follow-ups* que se segue propõem-se estudos que têm em consideração estas limitações e procuram resolvê-las.

Follow-Ups

Follow-Up 1

Objectivo. Perceber se existem diferenças na ocorrência de IETs através da manipulação do nível de poder em dois actores diferentes através de fotografias de faces de adultos com molduras que representam ou um chefe/patrão (actor percepcionado com elevado poder) ou um empregado (actor percepcionado com baixo poder).

Participantes. 120 Participantes adultos. Todos os participantes fariam todas as condições.

Procedimento. Para estudar a manipulação proposta, sugeria que se mantivesse a utilização do paradigma dos falsos reconhecimentos adaptado para o presente estudo. Sendo composto então por uma fase de estudo e uma fase de teste.

Para a fase de estudo seriam então apresentadas duas faces de actores, simultaneamente associadas a um comportamento implicativo de traço desempenhado por ambos. Estes actores seriam os dois adultos e estariam diferenciados através de uma moldura azul para o caso dos chefes e uma moldura amarela para o caso dos empregados. Seriam apresentadas as molduras de indicativas de chefe em metade dos

ensaios na fotografia da esquerda e a outra metade na fotografia da direita, sendo esta distribuição aleatória. O mesmo se sucederia para o caso das molduras indicativas de empregados. No caso dos comportamentos implicativos de traço, teriam a mesma divisão utilizada no presente estudo, e replicando a metodologia do paradigma dos falsos reconhecimentos. Deste modo, dividir-se-iam nesta fase de estudo entre comportamentos implicativos de traço onde o traço não está presente – ensaios emparelhados e desemparelhados – ou comportamentos implicativos de traço onde o traço está presente – ensaios *filler*.

Posteriormente, na fase de teste, seriam apresentados em dois blocos diferentes conjuntos de uma face associada a uma palavra. Sendo que num primeiro bloco seriam apresentadas de forma aleatoriamente, uma das faces de cada conjunto de duas faces apresentadas na fase de estudo. Para o segundo bloco as restantes faces seriam apresentadas. As palavras que se associavam a cada face da fase de teste poderiam então ser traços ou outro tipo de palavras (e.g., locais, verbos, nomes, ou outros), utilizadas como condição controlo. No caso dos traços, o objectivo seria replicar também as condições estudadas no presente estudo. Isto é, ensaios emparelhados, correspondentes aqueles em que o traço testado não estava presente no comportamento implicativo de traço na fase de estudo, mas é o traço implicado nesse comportamento. Os ensaios desemparelhados, nos quais o traço testado não estava presente no comportamento implicativo de traço na fase de estudo, no entanto não é o traço implicado por esse comportamento. E por fim os ensaios *filler*, onde o traço testado estava presente no comportamento implicativo de traço apresentado na fase de estudo. No caso da condição controlo, referente a palavras que não são traços, o objectivo é apresentá-los para as três condições, isto com o objectivo de primeiramente diferenciar entre memória e inferência e em segundo lugar de eliminar possíveis diferenças entre o bloco 1 e o bloco 2 (como as que se verificaram no presente estudo). A palavra poderia ou não estar presente. Imagine-se portanto que um comportamento implicativo de traço de um ensaio emparelhado seria “O Manuel ajudou a idosa a atravessar a rua”, num dos blocos de teste seria testada a palavra “cidade” e no outro seria testado o traço “altruísta”. No caso de um ensaio *filler* a frase estudada seria “O Manuel é tão altruísta que ajudou a idosa a atravessar a rua”, testando num bloco o traço “altruísta” e no outro o sítio onde ocorreu “rua” (ou outra palavra utilizada no comportamento estudado).

A tarefa que seria pedida aos participantes, à semelhança do que ocorreu no presente estudo, era que memorizassem e observassem com atenção o material

apresentado na fase de estudo, e na fase de teste pedir-se-ia que vissem a palavra apresentada e respondessem se esta estava ou não presente na frase associada aquela face na fase de estudo.

Material.

- Comportamentos implicativos de traço (um número divisível por três para se poderem distribuir pelas três condições – emparelhado, desemparelhado e *filler*);
- Faces de adultos (o dobro do número de comportamentos implicativos de traço, visto que na fase de estudo cada comportamento está associado a duas faces).

Resultados esperados. Espera-se que, de acordo com as ideias de Thibaut e Riecken (1955), mencionadas no capítulo introdutório desta tese que os participantes façam mais IETs para as fotografias com molduras indicativas de um chefe/patrão do que para as fotografias com molduras indicativas de um empregado.

Follow-Up 2

Objectivo. Testar mais aprofundadamente a influência da teoria de *overshadow* (Waldman, 2001) na ocorrência de IETs em crianças e adultos, através da utilização de comportamentos ambíguos no paradigma de falsos reconhecimentos adaptado do presente estudo. Mais concretamente, perceber se quando um comportamento implica dois traços, o traço que tem maior peso associativo com o comportamento fica ligado aos actores adultos e o traço com menor peso associativo fica ligado aos actores crianças.

Participantes. 120 Participantes adultos. Todos os participantes fariam todas as condições.

Procedimento. Considerando a utilização do paradigma de falsos reconhecimentos adaptado ao presente estudo, será de se esperar uma fase de estudo onde se apresentam conjuntos de duas faces associadas a um comportamento implicativo de traço, e uma fase de teste partida em dois blocos onde se apresentam conjuntos de uma face associada a um traço.

A distinção aqui decorre do tipo de comportamentos implicativos de traço, que em vez de implicarem um traço, são comportamentos ambíguos na medida em que implicam dois traços. Uma investigação que já estudou este tipo de comportamentos é a de Ramos e Garcia-Marques (2006), e poderia servir como compêndio de comportamentos ambíguos já testados, ou servir como fundamento à criação de novos comportamentos ambíguos que se ajustassem a crianças e adultos.

Na fase de teste, considerando os ensaios emparelhados, em vez de se testar o mesmo traço em ambos os blocos para as duas faces associadas ao comportamento, num dos blocos era apresentado o traço com maior peso associativo, e no outro bloco o traço com menor peso associativo. Ambos os traços eram apresentados aleatoriamente num bloco ou no outro e com uma face de criança ou de adulto, sendo contrabalanceados entre todas estas condições. Um exemplo seria apresentar a frase – “Ofereceram-se para ir às compras, pois adoram conversar com as pessoas que encontram no supermercado” – que implica os traços “simpáticos” e “extrovertidos”, e usar cada um desses traços em cada bloco de teste. Nos ensaios desemparelhados seriam apresentados nos dois blocos dois traços diferentes, onde nenhum era implicado pelo comportamento. Por último nos ensaios *filler*, considerando que ambos os traços estavam presentes no comportamento estudado (e.g., “São tão extrovertidos e simpáticos que se ofereceram para ir às compras, pois adoram conversar com as pessoas que encontram no supermercado”), na fase de teste seriam apresentados um traço num bloco, e o outro no outro, contrabalançando a face com que cada um se associava.

Material.

- Comportamentos ambíguos – que impliquem dois traços com pesos associativos diferentes (um número divisível por três para se poderem distribuir pelas três condições – emparelhado, desemparelhado e *filler*);
- Faces de adultos e de crianças (o dobro do número de comportamentos ambíguos, visto que na fase de estudo cada comportamento está associado a duas faces).

Resultados esperados. Apoiando-nos nos resultados do presente estudo, onde se refletiu uma preferência na ocorrência de IETs para adultos, suportada pelos resultados de Thibaut e Riecken (1955), e derivado de uma interpretação do efeito de *overshadow* (Waldman, 2001), é de esperar que se verifique um bloqueio do traço com menor força

associativa quando referente aos adultos. Ou seja, espera-se que o traço com maior peso associativo seja inferido, e associado para os adultos, e pelo contrário, o traço com menor peso associativo seja inferido e associado para as crianças.

Follow-Up 3

Objectivo. Perceber se existem diferenças na ocorrência de IETs e IETGs através da manipulação do nível de poder em dois actores diferentes através de fotografias de faces de adultos (actor percebido com elevado poder) ou crianças (actor percebido com baixo poder). Utilizam-se duas condições (a de IETG e a de IETS) para comparar a ocorrência de ambos os efeitos.

Participantes. 240 Participantes adultos. Metade dos participantes faria a condição de IETGs e a outra metade dos participantes faria a condição de IETs.

Procedimento. Para estudar a manipulação proposta, sugeria que se mantivesse a utilização do paradigma dos falsos reconhecimentos utilizado por Hamilton et al. (2015) adaptado para que os grupos fossem compostos por dois adultos e duas crianças. Sendo composto então por uma fase de estudo e uma fase de teste.

Para a fase de estudo seriam então apresentadas quatro faces de actores, simultaneamente associadas a um comportamento implicativo de traço desempenhado pelo grupo. Estes actores seriam os dois adultos e duas crianças e seriam dispostos no ecrã do mesmo modo que o procedimento utilizado por Hamilton et al. (2015), rodando a idade dos actores entre as quatro fotografias. No caso dos comportamentos implicativos de traço, teriam a mesma divisão utilizada no presente estudo, e replicando a metodologia do paradigma dos falsos reconhecimentos. Deste modo, dividir-se-iam nesta fase de estudo entre comportamentos implicativos de traço onde o traço não está presente – ensaios emparelhados e desemparelhados – ou comportamentos implicativos de traço onde o traço está presente – ensaios *filler*. No caso da condição de IETs as instruções seriam as mesmas utilizadas no presente estudo. Os comportamentos seriam também apresentados como no presente estudo, não existindo referência sobre o grupo (e.g., “Quiseram saber tudo sobre aquele assunto.”). No caso da condição de IETGs as instruções seriam as mesmas mas os comportamentos seriam apresentados como

descritivos de uma acção de grupo (e.g., “O grupo quis saber tudo sobre aquele assunto).

Posteriormente, na fase de teste, seriam apresentados em dois blocos diferentes conjuntos de uma face associada a uma palavra. Sendo que num primeiro bloco seriam apresentadas de forma aleatoriamente, uma das faces de adulto ou de criança de cada conjunto de quatro faces apresentadas na fase de estudo. Para o segundo bloco seria apresentada a face da idade contrária à face apresentada no bloco 1. As palavras que se associavam a cada face da fase de teste poderiam então ser traços ou outro tipo de palavras (e.g., locais, verbos, nomes, ou outros), utilizadas como condição controlo. No caso dos traços, o objectivo seria replicar também as condições estudadas no presente estudo. Isto é, ensaios emparelhados, correspondentes aqueles em que o traço testado não estava presente no comportamento implicativo de traço na fase de estudo, mas é o traço implicado nesse comportamento. Os ensaios desemparelhados, nos quais o traço testado não estava presente no comportamento implicativo de traço na fase de estudo, no entanto não é o traço implicado por esse comportamento. E por fim os ensaios *filler*, onde o traço testado estava presente no comportamento implicativo de traço apresentado na fase de estudo. No caso da condição controlo, referente a palavras que não são traços, o objectivo é apresentá-los para as três condições, isto com o objectivo de primeiramente diferenciar entre memória e inferência e em segundo lugar de eliminar possíveis diferenças entre o bloco 1 e o bloco 2 (como as que se verificaram no presente estudo). A palavra poderia ou não estar presente. Imagine-se portanto que um comportamento implicativo de traço de um ensaio emparelhado seria “Ajudaram a idosa a atravessar a rua”, num dos blocos de teste seria testada a palavra “cidade” e no outro seria testado o traço “altruísta”. No caso de um ensaio *filler* a frase estudada seria “São tão altruístas que ajudou a idosa a atravessar a rua”, testando num bloco o traço “altruísta” e no outro o sítio onde ocorreu “rua” (ou outra palavra utilizada no comportamento estudado).

A tarefa que seria pedida aos participantes, à semelhança do que ocorreu no presente estudo, era que memorizassem e observassem com atenção o material apresentado na fase de estudo. Na fase de teste, caso estivessem na condição de IETs pedir-se-ia que vissem a palavra apresentada e respondessem se esta estava ou não presente na frase associada aquela face na fase de estudo. Caso fosse a condição de IETG pedir-se-ia que vissem a palavra apresentada e respondessem se esta estava ou não presente na frase associada ao grupo onde estava presente aquela face.

Material.

- Comportamentos implicativos de traço (um número divisível por três para se poderem distribuir pelas três condições – emparelhado, desemparelhado e *filler*);
- Faces de adultos (o dobro do número de comportamentos implicativos de traço, visto que na fase de estudo cada comportamento está associado a duas faces de adultos).
- Faces de crianças (o dobro do número de comportamentos implicativos de traço, visto que na fase de estudo cada comportamento está associado a duas faces de crianças).

Resultados esperados. Espera-se que na condição de IETs, de acordo com as ideias de Thibaut e Riecken (1955), mencionadas no capítulo introdutório desta tese que os participantes façam mais IETs para as fotografias de adultos do que para as crianças.

Na condição de IETGs caso os participantes vissem de facto todos os actores enquanto membros do grupo não se verificariam diferenças entre os falsos reconhecimentos que ocorreriam nos ensaios emparelhados entre crianças e adultos reflectindo uma ocorrência espontânea de uma impressão de grupo. No caso da existência de diferenças as IETGs poderiam reflectir uma impressão de grupo formada a partir de quatro IETs distintas para cada actor.

Conclusão

O presente estudo forneceu evidência de que se tende a inferir traços com frequência diferente para diferentes actores, mesmo que estes estejam em conjunto a desempenhar um mesmo comportamento. Isto sugere que quando pessoas de grupos diferentes estão a fazer uma actividade em conjunto irão ser perspectivadas e avaliadas tendo não só em consideração o que estão a fazer mas também com quem o estão a fazer. Acresce ainda o facto de que a representação que criamos das pessoas em nosso redor depender não só do seu comportamento mas também das pessoas que a rodeiam. Este estudo é relevante no domínio das IETs na medida em que procura expandi-lo à compreensão das inferências quando mais do que um actor está presente.

Referências

- Anastasi, J.S., & Rhodes (2005). An own-age bias in face recognition for children and older adults. *Psychonomic Bulletin & Review*, *12*, 1043-1047
- Anderson, R. C., & Ortony, A. (1975). On putting apples into bottles: A problem of polysemy. *Cognitive Psychology*, *7*, 167-180.
- Asch, S. E. (1946). Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, *41*, 258-290
- Brown, R. D., & Bassili, J. N. (2002). Spontaneous trait associations and the case of the superstitious banana. *Journal of Experimental Social Psychology*, *38*, 87-92.
- Carlston, E. D. & Skowronski, J. (1994). Savings in relearning of trait information as evidence for spontaneous inference generation. *Journal of Personality and Social Psychology*, *66*, 840-856.
- Carlston, D. E., Skowronski, J. J., & Sparks, C. (1995). Savings in relearning: II. On the formation of behavior-based trait associations and inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, *69*, 420-436.
- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (2005). Linking versus thinking: Evidence for the different associative and attributional bases of spontaneous trait transference and spontaneous trait inference. *Journal of Personality and Social Psychology*, *89*, 884–898.
- Crawford, M. T., Sherman, S. J., & Hamilton, D. L. (2002). Perceived entitativity, stereotype formation, and the interchangeability of group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, *83*, 1076–1094.

- Dix, T., Ruble, D. N., Grusec, J. E., & Nixon, S. (1986). Social cognition in parents: Inferential and affective reactions to children of three age levels. *Child Development, 57*, 879-894.
- Ebbinghaus, H. (1885/1964). *Memory: A contribution to experimental psychology*. New York: Dover Publications
- Garcia-Marques, L (2004). Quem vê caras, infere corações: Impressões de personalidade e memória de pessoas. In T. Garcia-Marques, & L. Garcia-Marques (Eds.), *Textos fundamentais. Impressões de personalidade e memória de pessoas* (pp. 11-47). Lisboa: ISPA
- Garrido, M. V., Lopes, D., Prada, M., Rodrigues, D., Jerónimo, R., & Mourão, R. P. (2017). The many faces of a face: comparing stills and videos of facial expressions in eight dimensions (SAVE database). *Behavior research methods, 49*(4), 1343-1360.
- Gilbert, D. T., Pelham, B. W., & Krull, D. S. (1988). On cognitive busyness: When person perceivers meet persons perceived. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 733–740.
- Goeleven, E., De Raedt, R., Leyman, L., & Verschuere, B. (2008). The Karolinska directed emotional faces: a validation study. *Cognition and emotion, 22*(6), 1094-1118.
- Goren, A., & Todorov, A. (2009). Two faces are better than one: Eliminating false trait associations with faces. *Social Cognition, 27*, 222-248.

- Hamilton, D. L., & Sherman, S. J. (1996). Perceiving persons and groups. *Psychological Review*, *103*, 336–355.
- Hamilton, D. L., Chen, J. M., Ko, D. M., Winczewski, L., Banerji, I., & Thurston, J. A. (2015). Sowing the seeds of stereotypes: Spontaneous inferences about groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, *109*, 569–588.
- Kintsch, W. (1998). *Comprehension: A paradigm for cognition*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- LoBue, V., & Thrasher, C. (2015). The Child Affective Facial Expression (CAFE) set: validity and reliability from untrained adults. *Emotion Science*, *5*, 1532.
- McKoon, G., & Ratcliff, R. (1986). Inferences about predictable events. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, *12*, 82-91.
- Orghian, D., Ramos, T., & Garcia-Marques (2018). You are cruel even if he did it: Behavior and face processing in spontaneous trait inference and transference. *Basic and Applied Social Psychology*, *40*, 1-12.
- Ramos, T., Garcia-Marques, L. (2006). Quando uma acção permite diferentes interpretações: Pré-teste de comportamentos ambíguos. *Laboratório de Psicologia*, *4*, 45-63.
- Ramos, T., Garcia-Marques, L., Hamilton, D. L., Ferreira, M. B., & Van Acker, K. (2012). What I infer depends on who you are: The influence of stereotypes on trait and situational spontaneous inferences. *Journal of Experimental Social Psychology*, *48*, 1247–1256.

- Ramos, T., Orghian, D., & Garcia-Marques, L. (2012). Inferências espontâneas de traço: Os quatro paradigmas chave. *Laboratório de Psicologia, 10*(2), 299-312
- Rescorla, R. A., & Wagner, A. R. (1972). A theory of pavlovian conditioning: Variations in the effectiveness of reinforcement and nonreinforcement. In A. H. Black, & W. F. Prokasy, *Classical conditioning II: Current research and theory* (pp. 64-99). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skowronski, J. J., Carlston, D. E., Mae, L., & Crawford, M. T. (1998). Spontaneous trait transference: Communicators take on the qualities they describe in others. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 837-848.
- Thibaut, J. W., & Riecken, H. W. (1955). Some determinants and consequences of the perception of social causality'. *Journal of Personality, 24*, 113-133.
- Todorov, A., & Uleman, S. (2002). Spontaneous trait inferences are bound to actors' faces: Evidence from a false recognition paradigm. *Journal of Personality and Social Psychology, 83*, 1051–1065.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2003). The efficiency of binding spontaneous trait inferences to actors' faces. *Journal of Experimental Social Psychology, 39*, 549-562.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2004). The person reference process in spontaneous trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology, 87*, 482-493.

- Tulving, E., & Thomson, D. M. (1973). Encoding specificity and retrieval processes in episodic memory. *Psychological Review*, 80, 352-373.
- Uleman, J. S., Blader, S., & Todorov, A. (2005). Implicit impressions. In R. Hassin, J. S. Uleman, & J. A. Bargh (Eds.), *The New Unconscious* (pp.362-392). New York: Oxford University Press.
- Uleman, J. S., Hon, A., Roman, R., & Moskowitz, G. B. (1996). On-line evidence for spontaneous trait inferences at encoding. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22, 377-394.
- Uleman, J., Newman, L., & Moskowitz, G. B. (1996). People as Flexible Interpreters: Evidence and Issues from Spontaneous Trait Inference. *Advances in Experimental Social Psychology*, 28, 211–279.
- Uleman, J. S., Saribay, S. A., & Gonzalez, C. (2008). Spontaneous inferences, implicit impressions, and implicit theories. *Annual Review of Psychology*, 59, 329-360.
- Van Hamme, L. J., Wasserman, E. A. (1994). Cue competition in causality judgments: The role of nonpresentation of compound stimulus elements. *Learning and Motivation*, 25, 127-151.
- Waldman, M. (2001). Predictive versus diagnostic causal learning: Evidence from an overshadowing paradigm. *Psychonomic Bulletin & Review* 2001, 8, 600-608.
- Wigboldus, D. H., Dijksterhuis, A., & Van Knippenberg, A. (2003). When stereotypes get in the way: Stereotypes obstruct stereotype-inconsistent trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 470–484.

Winter, L., & Uleman, J. S. (1984). When are social judgments made? Evidence for the spontaneousness of trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2, 237-252.

Winter, L., Uleman, J. S., & Cunniff, C. (1985). How automatic are social judgments? *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 904-917.

Anexo A

Tabela referente à avaliação dos comportamentos quanto a serem plausíveis de serem desempenhados por uma criança e por um adulto, utilizada no Pré-teste 1 com os respectivos valores de médias, desvios-padrão e intervalos de confiança a 95%. A escala utilizada para responder neste pré-teste foi: (1) “criança de certeza”, (2) “provavelmente criança”, (3) “criança ou adulto”, (4) “provavelmente adulto”, (5) “adulto de certeza”. As frases destacadas foram as que se seleccionaram para os ensaios críticos (i.e., emparelhados e desemparelhados) do estudo principal.

Frase	M	SD	95% IC	
			limite superior	limite inferior
<i>Frases filler adulto</i>				
Usou a sua gravata mais sóbria para a entrevista de emprego.	4.94	0.35	4.81	5.06
Fez a barba logo de manhã e só depois tomou o pequeno almoço.	4.94	0.35	4.81	5.06
Conduziu acima do limite de velocidade porque estava com muita pressa.	4.91	0.53	4.72	5.10
Foi beber uns copos à noite com os amigos.	4.91	0.30	4.80	5.01
Foi ao banco assinar uns documentos.	4.88	0.55	4.68	5.07
Bebeu um café e fumou um cigarro depois de almoço.	4.75	0.67	4.51	4.99
Foi à maternidade ver a sua filha.	4.72	0.89	4.40	5.04
Entrou na universidade para o curso da sua primeira escolha.	4.63	0.79	4.34	4.91
Foi fazer um tratamento aos calos dos pés.	4.50	0.57	4.30	4.70
Foi com duas amigas a um festival de Verão.	4.31	0.69	4.06	4.56
<i>Frases implicativas de traço</i>				

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% IC	
			limite superior	limite inferior
Passou horas na quinta a cavar batatas e a tratar dos animais.	4.09	0.73	3.83	4.36
Soube distanciar-se das suas preferências quando teve de avaliar o desempenho dos colegas.	3.97	0.54	3.77	4.16
Disse que dar prendas é um desperdício de dinheiro.	3.94	0.62	3.71	4.16
Como já tinha passado por muitas situações semelhantes, soube logo o que fazer.	3.91	0.64	3.68	4.14
Refletiu durante bastante tempo antes de decidir o que comprar.	3.91	0.59	3.69	4.12
Pesou as vantagens e desvantagens e só depois aceitou o desafio.	3.88	0.61	3.66	4.09
Foi o primeiro a inscrever-se na aula experimental.	3.69	0.82	3.39	3.98
Deixou que fossem sempre os amigos a dar dinheiro para o jogo, apesar de ter dinheiro consigo.	3.63	0.83	3.32	3.93
Não votou na sua melhor amiga porque sabia que a outra concorrente tinha estado melhor.	3.63	0.55	3.43	3.82
Ficou umas horas extra a acabar a sua tarefa para que ficasse bem feita.	3.59	0.71	3.34	3.85
Fez um plano para poder sair beneficiado da situação.	3.56	0.72	3.30	3.82
Distribuiu as tarefas pelos outros elementos do grupo sem lhes perguntar a opinião.	3.53	0.51	3.35	3.71
Não disse o que estava mesmo a pensar mas sim o que a colega queria ouvir.	3.53	0.57	3.33	3.74
À noite preparou a roupa que queria usar no dia seguinte.	3.50	0.72	3.24	3.76
Pediram-lhe a opinião sobre o assunto e todos concordaram com o que disse.	3.47	0.62	3.24	3.69
Disse mal da amiga pelas costas dela, mas quando estão juntas é só sorrisos.	3.41	0.56	3.20	3.61
Falou altou demais durante o almoço com os amigos no restaurante.	3.41	0.84	3.10	3.71

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
Fez o trabalho que lhe deram com exatidão e rapidez.	3.41	0.50	3.23	3.59
As respostas que deu revelaram que conhecia bem aquele tema.	3.38	0.55	3.18	3.57
Afastou-se dos grupos de colegas que conviviam durante a festa.	3.34	0.65	3.11	3.58
Explicou todas as regras e pontuações das cartas do jogo.	3.34	0.48	3.17	3.52
Disse uma piada que revelou o seu apurado sentido de humor.	3.31	0.54	3.12	3.51
Teve uma ideia muito original para um filme.	3.31	0.59	3.10	3.53
Passou a semana toda a achar que tinha trabalhos a mais e que não ia conseguir acabá-los a tempo.	3.28	0.81	2.99	3.57
Continuou a mostrar as fotografias das suas férias quando já ninguém queria ver mais.	3.25	0.62	3.03	3.47
Fantasiou com o que faria se ganhasse aquele prémio.	3.25	0.57	3.05	3.45
Contou imensas anedotas que puseram toda a gente a rir.	3.16	0.45	2.99	3.32
Foi o caminho todo para casa em silêncio a lembrar-se do que lhe tinham dito.	3.16	0.45	2.99	3.32
Correspondeu às expectativas na realização de várias tarefas.	3.13	0.34	3.00	3.25
Ficou sentado a olhar pela janela a considerar o que devia fazer a seguir.	3.13	0.71	2.87	3.38
Pregou uma partida tão boa ao amigo que até ele se riu.	3.13	0.42	2.97	3.28
Quis ser o melhor naquela atividade e fazer sempre mais.	3.13	0.34	3.00	3.25
Pôs a música aos altos berros e tocou tambor a tarde inteira.	3.09	0.69	2.85	3.34
Preparou a mochila com tudo o que ia precisar para o dia seguinte.	3.09	0.53	2.90	3.28
Usou a colega só para ter acesso ao que ela tinha e aos	3.09	0.59	2.88	3.31

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
amigos dela.				
Disse que não gostava muito daquela comida depois de a provar.	3.06	0.56	2.86	3.27
Ficou aflito porque estava atrasado e começou a roer as unhas.	3.06	0.35	2.94	3.19
Quis saber tudo sobre aquele assunto.	3.06	0.56	2.86	3.27
Demorou meia hora a contar uma história sem piada nenhuma que ainda por cima já tinha contado.	3.03	0.59	2.82	3.25
Esteve sempre a meter-se com os amigos criando uma atmosfera positiva.	3.03	0.47	2.86	3.20
Evitou que algo de mau acontecesse à sua amiga.	3.03	0.40	2.89	3.18
Não deixou que dissessem mal da sua amiga.	3.00	0.25	2.91	3.09
A sua mente começou a divagar para o que mais gostava de fazer.	2.97	0.59	2.75	3.18
De entre todos os jogos escolheu aquele que dava para jogar sem companhia.	2.97	0.47	2.80	3.14
Deu informação errada ao amigo de propósito para ter melhor nota do que ele.	2.97	0.74	2.70	3.24
Mudou de humor repentinamente e era impossível saber o que ia fazer a seguir.	2.97	0.47	2.80	3.14
Não conseguiu pensar com clareza na questão e ninguém percebeu o que fez.	2.97	0.54	2.77	3.16
Fez festas a um cão enquanto este estava à espera do dono.	2.94	0.25	2.85	3.03
Foi contra um poste enquanto andava na rua.	2.94	0.35	2.81	3.06
Desde que conheceu a nova amiga começou a fazer coisas erradas que antes não fazia.	2.91	0.47	2.74	3.07
Quis ganhar a todos na primeira etapa e passar às finais diretamente.	2.91	0.47	2.74	3.07
Compôs uma história de fantasia com pormenores	2.88	0.66	2.64	3.11

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% IC	
			limite superior	limite inferior
surpreendentes.				
Não se deu ao trabalho de conhecer o colega novo porque ele não tem coisas de marca.	2.88	0.87	2.56	3.19
Deixou de falar com uma amiga porque alguém lhe falou mal dela.	2.84	0.85	2.54	3.15
Tomou várias decisões que não faziam sentido nenhum.	2.84	0.63	2.62	3.07
Deu um abraço à mãe e disse-lhe que gostava muito dela.	2.81	0.40	2.67	2.96
Escolheu o jogo e as equipas sem perguntar nada a ninguém.	2.81	0.59	2.60	3.03
Ofereceu-se para ajudar o pai porque sabia que ele lhe daria dinheiro.	2.81	0.82	2.52	3.11
Por várias vezes fez o que ninguém estava à espera que fizesse.	2.81	0.59	2.60	3.03
Acreditou na desculpa esfarrapada e nem percebeu que estava ser enganado.	2.78	0.55	2.58	2.98
Subiu as escadas do prédio a correr.	2.78	0.55	2.58	2.98
Deixou a janela aberta mesmo sabendo que podia chover e molhar os papéis.	2.72	0.68	2.47	2.97
Passou a viagem inteira a contar coisas que tinha visto na televisão.	2.72	0.58	2.51	2.93
Escolheu um campo de férias onde podia explorar coisas novas e sentir adrenalina.	2.59	1.04	2.22	2.97
Ficou à espera que o ajudassem porque nunca quer fazer nada sozinho.	2.56	0.62	2.34	2.79
Não foi à aula de música porque não tinha companhia e não queria ir sozinho.	2.56	0.62	2.34	2.79
Esqueceu-se do material em casa e do casaco no autocarro.	2.53	0.67	2.29	2.77
Começou a abanar a perna porque não consegue ficar parada mais de dois minutos.	2.50	0.57	2.30	2.70

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
Acreditou em tudo o que o colega lhe contou, apesar da história ser implausível.	2.44	0.84	2.13	2.74
Gozou com as orelhas do colega porque sabia que isso o magoava.	2.44	0.62	2.21	2.66
Disse o que achava do desenho, mesmo correndo o risco da amiga ficar triste.	2.38	0.71	2.12	2.63
Não quis usar as proteções quando foi aprender a andar de skate.	2.38	0.66	2.14	2.61
Não se calou durante a aula inteira.	2.38	0.71	2.12	2.63
Ficou chateado porque o amigo recebeu uma prenda mais cara do que a sua.	2.31	0.74	2.05	2.58
Correu e fartou-se de fazer coisas sem se cansar.	2.28	0.77	2.00	2.56
Não parou sossegado durante todo o filme.	2.25	0.57	2.05	2.45
Espetou uma agulha na pata do gato só para ver o que ele faria com a dor.	2.06	0.76	1.79	2.34
Deixou a irmã mais nova sozinha na piscina, apesar de lhe terem pedido para ficar por perto.	2.00	0.57	1.80	2.20
Lambeu uma faca afiada sem pensar nas consequências.	1.94	0.80	1.65	2.23
Perguntou de onde vêm as estrelas e muitas outras coisas.	1.63	0.61	1.41	1.84
<i>Frases filler criança</i>				
Fez uma fita quando o médico o quis pesar.	1.63	0.79	1.34	1.91
Pôs-se de pé na cama de grades e atirou todos os peluches para o chão.	1.41	0.80	1.12	1.69
Lambeu o vidro da janela do carro.	1.34	0.48	1.17	1.52
Comeu a papa sozinho, mas sujou a cadeira toda.	1.22	0.42	1.07	1.37
Roeu o pé e alguns dos dedos da mão da boneca.	1.22	0.42	1.07	1.37
Pedi à mãe para fazer a sua festa de anos nos insufláveis.	1.19	0.40	1.04	1.33

Frase	<i>M</i>	<i>SD</i>	95% <i>IC</i>	
			limite superior	limite inferior
Fez uma birra porque não queria ceder o seu lugar no baloiço.	1.19	0.40	1.04	1.33
Passou o recreio inteiro a jogar às escondidas.	1.16	0.37	1.02	1.29
Ficou ao colo da mãe durante todo o concerto.	1.13	0.34	1.00	1.25
Passou o dia inteiro a abanar o dente de leite que estava quase a cair.	1.09	0.30	0.99	1.20

Anexo B

Tabela referente ao Pré-teste 2, que corresponde aos comportamentos implicativos de traço e respectivamente aos dois traços mais gerados para cada comportamento, sendo que a percentagem de participantes que gerou o traço está disponibilizada entre parênteses (dado que cada participante gerava 2 traços por frase, as percentagens apresentadas não totalizam os 100%). As frases destacadas foram as que se seleccionaram para os ensaios críticos (i.e., emparelhados e desemparelhados) do estudo principal.

Frase	Traço mais frequentemente gerado	Segundo traço mais frequentemente gerado
<i>Traço-base positivo estereotípico de criança</i>		
Subiu as escadas do prédio a correr.	apressado (53%)	energético (20%)
Correu e fartou-se de fazer coisas sem se cansar.	enérgico (19%)	resistente (16%) trabalhador (16%)
Quis saber tudo sobre aquele assunto.	curioso (73%)	interessado (57%)
Perguntou de onde vêm as estrelas e muitas outras coisas.	curioso (77%)	interessado (23%)
Esteve sempre a meter-se com os amigos criando uma atmosfera positiva.	amigável (33%)	divertido (30%)
Pregou uma partida tão boa ao amigo que até ele se riu.	divertido (58%)	engraçado (29%)
Compôs uma história de fantasia com pormenores surpreendentes.	criativo (77%)	imaginativo (53%)
Teve uma ideia muito original para um filme.	criativo (74%)	imaginativo (23%)
A sua mente começou a divagar para o que mais gostava de fazer.	sonhador (46%)	distraído (30%)
Fantasiou com o que faria se ganhasse aquele prémio.	sonhador (84%)	ambicioso (13%) esperançoso (13%) imaginativo (13%)

Frase	Traço mais frequentemente gerado	Segundo traço mais frequentemente gerado
Disse o que achava do desenho, mesmo correndo o risco da amiga ficar triste.	honesto (47%)	sincero (37%)
Disse que não gostava muito daquela comida depois de a provar.	sincero (39%)	esquisito (23%)
Contou imensas anedotas que puseram toda a gente a rir.	divertido (60%)	engraçado (33%)
Disse uma piada que revelou o seu apurado sentido de humor.	engraçado (65%)	divertido (35%)
Passou a viagem inteira a contar coisas que tinha visto na televisão.	falador (43%)	chato (23%)
Não se calou durante a aula inteira.	falador (45%)	chato (16%)
Escolheu um campo de férias onde podia explorar coisas novas e sentir adrenalina.	aventureiro (83%)	divertido (23%)
Foi o primeiro a inscrever-se na aula experimental.	interessado (32%)	organizado (29%)
Deu um abraço à mãe e disse-lhe que gostava muito dela.	carinhoso (53%)	querido (23%)
Fez festas a um cão enquanto este estava à espera do dono.	carinhoso (35%)	amigável (29%)

Traço-base positivo estereotípico de adulto

Como já tinha passado por muitas situações semelhantes, soube logo o que fazer.	experiente (37%)	inteligente (13%) sábio (13%)
Explicou todas as regras e pontuações das cartas do jogo.	organizado (23%)	conhecedor (16%) justo (16%)
Quis ganhar a todos na primeira etapa e passar às finais diretamente.	competitivo (43%)	ambicioso (40%)
Quis ser o melhor naquela atividade e fazer sempre mais.	ambicioso (19%)	competitivo (16%) trabalhador (16%)
Ficou umas horas extra a acabar a sua tarefa para que ficasse bem feita.	perfeccionista (40%) trabalhador (40%)	responsável (20%)
Passou horas na quinta a cavar batatas e a tratar dos animais.	trabalhador (74%)	agricultor (16%)

Frase	Traço mais frequentemente gerado	Segundo traço mais frequentemente gerado
Pesou as vantagens e desvantagens e só depois aceitou o desafio.	ponderado (50%)	racional (20%)
Refletiu durante bastante tempo antes de decidir o que comprar.	indeciso (35%)	ponderado (19%)
Pediram-lhe a opinião sobre o assunto e todos concordaram com o que disse.	inteligente (27%)	líder (23%)
As respostas que deu revelaram que conhecia bem aquele tema.	inteligente (55%)	interessado (26%)
Fez o trabalho que lhe deram com exatidão e rapidez.	eficiente (30%)	trabalhador (27%)
Correspondeu às expectativas na realização de várias tarefas.	inteligente (29%)	competente (13%)
Não votou na sua melhor amiga porque sabia que a outra concorrente tinha estado melhor.	justo (43%)	honesto (30%)
Soube distanciar-se das suas preferências quando teve de avaliar o desempenho dos colegas.	imparcial (42%)	justo (26%)
Não deixou que dissessem mal da sua amiga.	leal (27%)	amigo (17%) bom amigo (17%) fiel (17%) protector (17%)
Evitou que algo de mau acontecesse à sua amiga.	amigo (29%)	protector (23%) preocupado (23%)
Preparou a mochila com tudo o que ia precisar para o dia seguinte.	organizado (73%)	responsável (37%)
À noite preparou a roupa que queria usar no dia seguinte.	organizado (71%)	arrumado (13%) metódico (13%)
Ficou sentado a olhar pela janela a considerar o que devia fazer a seguir.	pensativo (40%)	ponderado (27%)
Foi o caminho todo para casa em silêncio a lembrar-se do que lhe tinham dito.	pensativo (26%)	preocupado (19%)

Traço-base negativo estereotípico de criança

Frase	Traço mais frequentemente gerado	Segundo traço mais frequentemente gerado
Não parou sossegado durante todo o filme.	irrequieto (73%)	inquieto (17%)
Começou a abanar a perna porque não consegue ficar parada mais de dois minutos.	ansioso (32%) irrequieto (32%)	nervosa (29%)
Acreditou na desculpa esfarrapada e nem percebeu que estava ser enganado.	ingénuo (70%)	inocente (37%)
Acreditou em tudo o que o colega lhe contou, apesar da história ser implausível.	ingénuo (55%)	inocente (16%) influenciável (16%)
Pôs a música aos altos berros e tocou tambor a tarde inteira.	barulhento (20%) divertido (20%)	egoísta (13%)
Falou alto demais durante o almoço com os amigos no restaurante.	extrovertido (26%)	barulhento (23%)
Por várias vezes fez o que ninguém estava à espera que fizesse.	imprevisível (47%)	surpreendente (30%)
Mudou de humor repentinamente e era impossível saber o que ia fazer a seguir.	imprevisível (61%)	bipolar (45%)
Deixou a janela aberta mesmo sabendo que podia chover e molhar os papéis.	irresponsável (47%)	descuidado (20%) despreocupado (20%)
Lambeu uma faca afiada sem pensar nas consequências.	irresponsável (23%)	imprudente (19%) impulsivo (19%)
Ficou à espera que o ajudassem porque nunca quer fazer nada sozinho.	dependente (53%)	preguiçoso (43%)
Não foi à aula de música porque não tinha companhia e não queria ir sozinho.	dependente (35%)	ansioso (13%) inseguro (13%) tímido (13%)
Esqueceu-se do material em casa e do casaco no autocarro.	esquecido (50%)	distraído (43%)
Foi contra um poste enquanto andava na rua.	distraído (94%)	descuidado (13%)
Tomou várias decisões que não faziam sentido nenhum.	irresponsável (17%)	inconsciente (10%)
Não consegui pensar com clareza na questão e ninguém percebeu o que fez.	confuso (26%)	distraído (19%)
Desde que conheceu a nova amiga começou	influenciável (87%)	baixa auto-estima (7%)

Frases	Traço mais frequentemente gerado	Segundo traço mais frequentemente gerado
a fazer coisas erradas que antes não fazia.		burro (7%) dependente (7%) fraco (7%) irracional (7%) irresponsável (7%) mau (7%)
Deixou de falar com uma amiga porque alguém lhe falou mal dela.	influenciável (42%)	falso (10%) mau amigo (10%)
Deixou a irmã mais nova sozinha na piscina, apesar de lhe terem pedido para ficar por perto.	irresponsável (83%)	descuidado (20%)
Não quis usar as proteções quando foi aprender a andar de skate.	descuidado (19%) irresponsável (19%) teimoso (19%)	aventureiro (16%)

Traço-base negativo estereotípico de adulto

Passou a semana toda a achar que tinha trabalhos a mais e que não ia conseguir acabá-los a tempo.	ansioso (43%)	preocupado (23%)
Ficou aflito porque estava atrasado e começou a roer as unhas.	nervosa (58%)	ansioso (48%)
Deu informação errada ao amigo de propósito para ter melhor nota do que ele.	egoísta (23%) mau (23%)	falso (13%) invejosos (13%)
Fez um plano para poder sair beneficiado da situação.	interesseiro (19%)	calculista (16%)
Distribuiu as tarefas pelos outros elementos do grupo sem lhes perguntar a opinião.	egoísta (27%)	autoritário (20%)
Escolheu o jogo e as equipas sem perguntar nada a ninguém.	egoísta (35%)	egocêntrico (23%)
Disse mal da amiga pelas costas dela, mas quando estão juntas é só sorrisos.	falso (87%)	hipócrita (17%)
Não disse o que estava mesmo a pensar mas sim o que a colega queria ouvir.	falso (19%)	influenciável (16%)
Deixou que fossem sempre os amigos a dar dinheiro para o jogo, apesar de ter dinheiro consigo.	forreta (37%)	egoísta (23%)

Frase	Traço mais frequentemente gerado	Segundo traço mais frequentemente gerado
Disse que dar prendas é um desperdício de dinheiro.	egoísta (35%)	forreta (32%)
Ficou chateado porque o amigo recebeu uma prenda mais cara do que a sua.	invejoso (47%)	egoísta (27%)
Não se deu ao trabalho de conhecer o colega novo porque ele não tem coisas de marca.	materialista (19%)	fútil (16%)
De entre todos os jogos escolheu aquele que dava para jogar sem companhia.	solitário (70%)	introvertido (20%)
Afastou-se dos grupos de colegas que conviviam durante a festa.	solitário (32%)	antisocial (29%)
Usou a colega só para ter acesso ao que ela tinha e aos amigos dela.	falso (40%)	interesseiro (37%)
Ofereceu-se para ajudar o pai porque sabia que ele lhe daria dinheiro.	interesseiro (65%)	egoísta (13%) oportunista (13%)
Demorou meia hora a contar uma história sem piada nenhuma que ainda por cima já tinha contado.	aborrecido (37%)	chato (33%)
Continuou a mostrar as fotografias das suas férias quando já ninguém queria ver mais.	chato (32%)	egocêntrico (29%)
Espetou uma agulha na pata do gato só para ver o que ele faria com a dor.	mau (30%)	curioso (17%)
Gozou com as orelhas do colega porque sabia que isso o magoava.	mau (55%)	insensível (13%)